

Produto 01:

Relatório do 1º Encontro Comunitário

Frentes Responsáveis
Intervenções e Urbanismo

Residência em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina

Periferia Viva
Ministério das Cidades
Governo Federal

Julho de 2024



Periferia
Viva

residência
em arquitetura
e urbanismo
ufsc



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

frei
damião

MINISTÉRIO DAS
CIDADES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

EQUIPE | GOVERNO FEDERAL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luís Inácio Lula da Silva

MINISTRO DAS CIDADES

Jader Fontenelle Barbalho Filho

SECRETÁRIO NACIONAL DE PERIFERIAS

Guilherme Simões Pereira

CHEFE DE GABINETE

Vitor Araripe Freire Pacheco

COORDENADORA-GERAL DE GESTÃO

Rhaiana Bandeira Santana

ASSESSORA DO GABINETE

Simone Gueresi de Mello

ASSESSOR DO GABINETE

Francisco Josue Medeiros de Freitas

DIRETORA DE REGULARIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO INTEGRADA E QUALIFICAÇÃO DE TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

Júlia Lins Bittencourt

COORDENADORA-GERAL DE URBANIZAÇÃO INTEGRADA

Isabele Sbampato Batista Reis de Paula

COORDENADOR-GERAL DE ARTICULAÇÃO E PLANEJAMENTO (ORGANIZADOR)

Flávio Tavares Brasileiro

COORDENADOR-GERAL DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Samuel da Silva Cardoso

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE MITIGAÇÃO E PREVENÇÃO DE RISCO

Rodolfo Baêso Moura

COORDENAÇÃO-GERAL DE OBRAS

Pedro Henrique Lopes Batista

COORDENAÇÃO-GERAL DE APOIO A PLANOS

Leonardo Santos Salles Varallo

COORDENAÇÃO-GERAL DE ARTICULAÇÃO

Samia Nascimento Sulaiman

EQUIPE TÉCNICA-MINISTÉRIO DAS CIDADES

Adriana Rondon de Vasconcellos Santos

Henrique Soares Rabello Adriano

Isis Bezerra Cavalcanti

Luana Alves de Melo

Luiz Alberto Arend Filho

Marina Amorim Cavalcanti de Oliveira

Ramana Rodrigues

Oliveira Jacques



EQUIPE | PERIFERIA VIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COORDENADOR

Ricardo Socas Wiese

COORDENADORES DAS FRENTES DE TRABALHO

Adriana Marques Rossetto
Fernando Tavares de Albuquerque
Otávio Augusto Alves da Silveira
Paolo Colosso
Ricardo Socas Wiese
Roberta Krahe Edelweiss
Samuel Steiner dos Santos
Soraya Nór

ARQUITETOS E URBANISTAS

SUPERVISORES DAS FRENTES DE TRABALHO

Claudia Elisa Poletto
Eliane Maria Benvegnú
João Paulo Serraglio
Júlia De Fáveri
Sumara Alessandra Silva Lisbôa

BOLSISTAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Bárbara Guimarães Fernandes
Guilherme França de Lima
Jéssica Delfino Cunha
Lucas Rodrigo Nora
Mariana Panzera

BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO

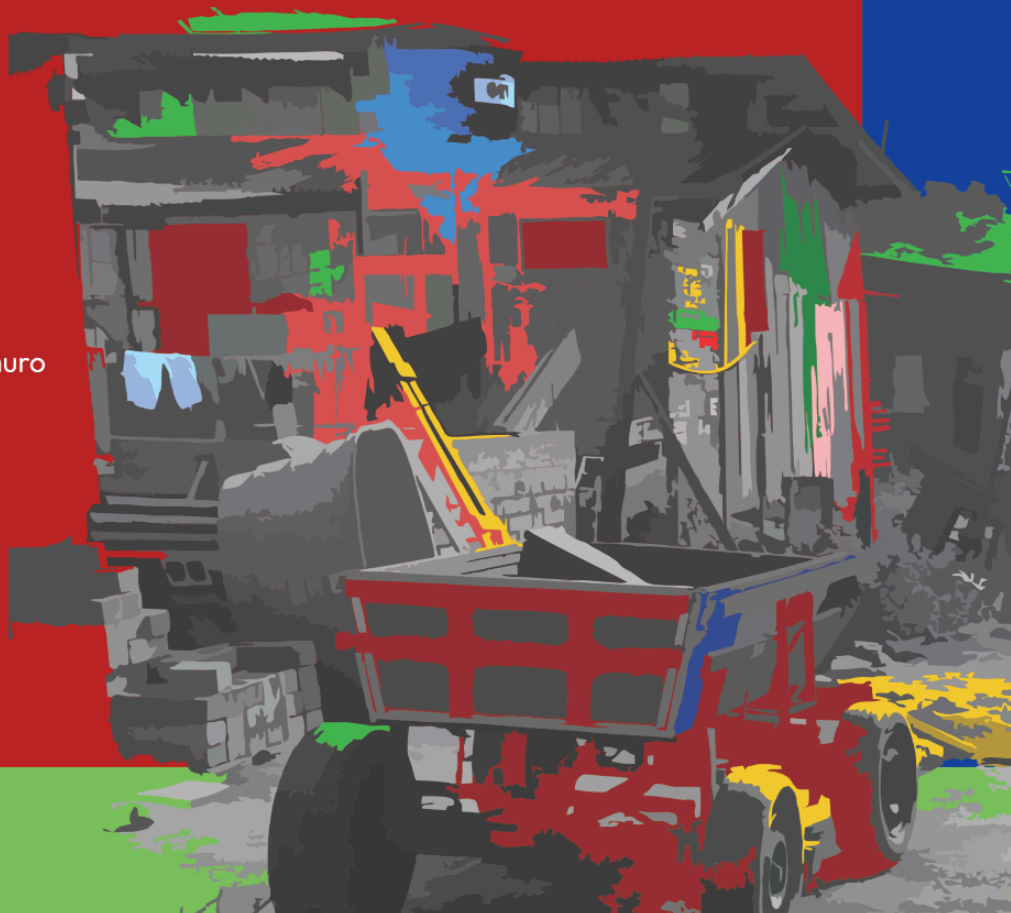
Ana Maria da Silva Oliveira
Clara Bragança Boschiglia
Isadora Imthon
Luiz Fernandes da Costa Neto
Maria Eduarda Viana Demos
Pedro Henrique Salzedas Yamamuro
Tiago Mitsuo Nagasaki

VOLUNTÁRIOS

Éliton Renan Kutas
Maríndia Ingrid Vanzin

RESIDENTES

Artur Hugo da Rosa
Aline Martchely Veloso
Amanda Cristina Pádova
Ana Luiza Fontoura Cartana
Ana Paula Rossato Balke
Ayia Nishimuta Fonseca
Claudia A. Ferreira
Djohodo S. L. P. M. O. Aboh
Dyene Mafioletti
Gabriel Sappino Sala
Giulia Haack Tavares
Hamilton Binato Junior
Icaro Coppio da Costa
Izabelle L. de Godoi
João A. de Camargo Armondi
Juçara Silveira Dutra
Lucas Burigo Bilessimo
Luiz Gonzaga Philippi Filho
Márcio de França Santos
Marília Lima Aguiar
Nathália Sander
Paloma Xavier Pereira
Rita de Cassia Goeldner
Susan Natalí Oliveira Lecuona
Tanise de Góes Maia



EQUIPE | RESIDÊNCIA EM ARQUITETURA E URBANISMO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COORDENADOR

Samuel Steiner dos Santos

SUBCOORDENADORA

Soraya Nór

SECRETÁRIA

Mariany Cristine Souza

DOCENTES

Adriana Marques Rossetto

Lino Fernando Bragança Peres

Louise Prado Alfonso

Lucas Sabino Dias

Maíra Longhinotti Felipe

Marcelo Leão

Maria Inês Sugai

Marina Toneli Siqueira

Nirce Saffer Medvedovski

Otávio Augusto Alves da Silveira

Paolo Colosso

Renato Tibiriçá de Saboya

Ricardo Socas Wiese

Roberta Krahe Edelweiss

Samuel Steiner dos Santos

Soraya Nór

RESIDENTES

Artur Hugo da Rosa

Aline Martchely Veloso

Amanda Cristina Pádova

Ana Luiza Fontoura Cartana

Ana Paula Rossato Balke

Ayia Nishimuta Fonseca

Claudia A. Ferreira

Djohodo S. L. P. M. O. Aboh

Dyene Mafioletti

Gabriel Sappino Sala

Giulia Haack Tavares

Hamilton Binato Junior

Icaro Coppio da Costa

Izabelle L. de Godoi

João A. de Camargo Armondi

Juçara Silveira Dutra

Lucas Burigo Bilessimo

Luiz Gonzaga Philippi Filho

Márcio de França Santos

Marília Lima Aguiar

Nathália Sander

Paloma Xavier Pereira

Rita de Cassia Goeldner

Susan Natalí Oliveira Lecuona

Tanise de Góes Maia





Apresentação

O curso de Especialização Residência em Arquitetura e Urbanismo é uma iniciativa do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Tecnológico – CTC, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC financiado pelo Programa Periferia Viva, desenvolvido pelo Governo Federal por meio do Ministério das cidades.

O Periferia Viva nasce da constatação de que a melhoria da qualidade de vida nas periferias requer uma abordagem territorial, ancorada na valorização da organização social e comunitária, e que agregue a retomada de obras de infraestrutura urbana com ações que dialoguem com o conjunto de necessidades identificadas em cada território. Para isso, o programa busca promover a estruturação e integração de uma matriz ampla de políticas públicas, articuladas em torno dos eixos: Infraestrutura Urbana; Equipamentos Sociais; Inovação, Tecnologia e Oportunidades; e Fortalecimento Social e Comunitário.

A proposta é ofertar à sociedade o atendimento às demandas de ensino, extensão e pesquisa em Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social – ATHIS, por meio do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, para profissionais graduados em Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia Sanitária Ambiental e Geografia, voltado para a atuação em assessoria técnica de projetos de habitações de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia, assim como para a regularização fundiária e melhorias urbanísticas de assentamentos urbanos de baixa renda, conforme preconiza a Lei Federal 11.888/2008.

O objetivo do Curso Residência em Arquitetura e Urbanismo é qualificar profissionais pela Pós-Graduação Lato Sensu, a partir de uma metodologia participativa e integrada, com enfoque nas demandas sociais relativas ao direito à habitação e à cidade, articulando as dimensões histórica, cultural e simbólica das comunidades, para atuação na Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social – ATHIS, compreendida de modo amplo, com a qualificação das moradias associada à provisão e qualificação de infraestruturas, equipamentos coletivos e espaços livres, que venham trazer melhorias para o lugar de vida das populações de baixa renda, buscando desencadear um efeito sistêmico sobre os territórios de atuação, possibilitando a criação de espaços catalisadores de oportunidades de geração de emprego e renda, para a emancipação comunitária.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Frei Damião	12
Figura 2 - Equipe	13
Figura 3 - Metodologia do Encontro Comunitário	13
Figura 4 - Momento de Apresentação	14
Figura 5 - Comunidade marcando os locais de pontos positivos e negativos	18
Figura 6 - Marcações no mapa feitas pela comunidade	18
Figura 7 - Dinâmica da divisão em grupos	19
Figura 8 - Mapa referência	20
Figura 9 - Dinâmica em grupos	21
Figura 10- Principais pontos positivos	21
Figura 11- Principais pontos negativos	22
Figura 12 - Definição dos objetivos juntamente à comunidade	30
Figura 13- Contação de histórias e desenho	35
Figura 14 - Atividade de desenho	36
Figura 15 - Desenvolvimento do jogo de tabuleiro da Frei Damião	38
Figura 16 - Desenvolvimento maquete	39
Figura 17 - Desenvolvimento maquete	40
Figura 18 - Cartela de adesivos	41
Figura 19 - Monitor com cartela de adesivos	41
Figura 20 - Crianças no mapeamento afetivo	42
Figura 21 - Desenho da contação de histórias	44
Figura 22- Desenhos desenvolvidos na oficina	49
Figura 23 - Desenhos desenvolvidos na oficina	49
Figura 24 - Desenhos desenvolvidos na oficina	50
Figura 25 - Desenhos desenvolvidos na oficina	50
Figura 26 - Desenhos desenvolvidos na oficina	51
Figura 27 - Momento de apresentação do mapa base	53
Figura 28 - Resultados do Mapa após a dinâmica	54
Figura 29 - Mapeamento Afetivo: Moradias	55
Figura 30 - Mapeamento Afetivo: Brincadeiras	56
Figura 31- Mapeamento Afetivo: Flora	57
Figura 32 - Mapeamento Afetivo: Fauna	57
Figura 33- Mapeamento Afetivo: mobilidade	58
Figura 34 - Mapeamento Afetivo: Locais de reza	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Pontos positivos descritos nas fichas gerais	23
Quadro 2 - Síntese dos pontos positivos	24
Quadro 3- Aspectos positivos prioritários	25
Quadro 4 - Pontos negativos descritos nas fichas gerais	26
Quadro 5 - Síntese dos pontos negativos	28
Quadro 6 - Aspectos negativos prioritários	29
Quadro 7 - Objetivos definidos	31

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
LISTA DE QUADROS.....	8
SUMÁRIO.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 APRESENTAÇÃO.....	12
1.2 DIVULGAÇÃO DO ENCONTRO COMUNITÁRIO.....	14
2. ENCONTRO COMUNITÁRIO.....	16
2.1. METODOLOGIA.....	16
2.2. SENSIBILIZAÇÃO - MAPA.....	16
2.3. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS.....	19
2.3.1. DIVISÃO EM GRUPOS.....	19
2.3.2. ASPECTOS POSITIVOS.....	20
2.3.3. GERAL ASPECTOS POSITIVOS.....	23
2.3.4. PRIORITÁRIOS ASPECTOS POSITIVOS.....	25
2.3.5. GERAL ASPECTOS NEGATIVOS.....	25
2.3.6. PRIORITÁRIOS ASPECTOS NEGATIVOS.....	29
2.4. OBJETIVOS GERAIS DEFINIDOS.....	30
2.5. CONCLUSÃO: ENCONTRO COMUNITÁRIO.....	32
3. OFICINA PARA CRIANÇAS.....	33
3.1. METODOLOGIA.....	33
3.1.1. IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	33
3.1.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	34
3.1.3. ARTES MANUAIS - ARGILA, DESENHO E BLOCOS DE MADEIRA.....	36
3.1.4. MAPEAMENTO AFETIVO.....	38
3.2. AVALIAÇÃO DA OFICINA INFANTIL.....	42
3.2.1. AVALIAÇÃO INTERNA: ORGANIZAÇÃO.....	43
3.2.2. AVALIAÇÃO DOS RESIDENTES.....	46
3.2.3. OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O TERRITÓRIO.....	47
3.3. COLETA DE DADOS DO MAPEAMENTO AFETIVO.....	53
3.3.1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	54
3.3.2. Limitações do Estudo.....	59
3.4. CONCLUSÃO: OFICINA DAS CRIANÇAS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Este documento visa relatar o processo de definição metodológica e a realização do Primeiro Encontro Comunitário operacionalizado pela Extensão do Periferia Viva da UFSC com a comunidade. Os encontros comunitários tem por objetivo ouvir a comunidade para que sejam avaliadas demandas de atuação, levando em consideração as necessidades e prioridades identificadas pelos próprios moradores. A participação social e colaborativa é fundamental para garantir que as soluções a serem propostas sejam realmente eficazes e atendam às demandas reais da comunidade Frei Damião.

A oficina realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina ocorreu no dia 04 de maio de 2024 às 14h, foi realizada na Associação Laura dos Santos, e representou um importante passo em direção ao fortalecimento da comunidade. Este evento foi concebido com o objetivo de abordar questões fundamentais relacionadas ao desenvolvimento urbano inclusivo e a melhoria da qualidade de vida na comunidade Frei Damião. Este evento contou com a participação de 53 pessoas da comunidade, sendo majoritário o público feminino (81,13%).

Em paralelo com o encontro comunitário, ocorreu a oficina para as crianças que contou com 71 participantes da comunidade. Este encontro voltado ao público infantil, garantiu a participação das mães, pais e familiares das crianças, e foi uma primeira aproximação da UFSC por meio de diversas atividades recreativas, relacionadas também ao contexto da arquitetura e urbanismo.

Foi feita uma lista de presença (Anexo 01) no início das atividades, para identificar os nomes e os contatos dos participantes para que se consiga fazer uma rede de troca de informações.

Durante o encontro foram identificadas as localizações das casas dos participantes que estavam presentes por meio de um mapa exposto na parede, em que foi possível analisar a presença de diferentes partes do território da Frei Damião. A comunidade participou ativamente até o encerramento da oficina, que ocorreu por volta das 16h30.

Figura 1 - A Frei Damião.



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

1.1 APRESENTAÇÃO

A fim de introduzir o encontro foi realizada uma apresentação em que foram expostas as relações institucionais da Residência em Arquitetura e Urbanismo da UFSC e a equipe da extensão universitária. Foram explicitadas as relações entre o financiamento do Governo Federal, por meio do Ministério das Cidades e o Programa Periferia Viva. Em seguida, foi realizada a exposição da metodologia que seria

aplicada no encontro comunitário, dividida em três partes. As figuras a seguir são imagens do documento de apresentação.

Figura 2 - Equipe

**O QUE É
A RESIDÊNCIA
COM EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA?**

- 26 residentes (graduados em arquitetura e urbanismo e geografia)
- 17 professores universitários
- 5 profissionais da arquitetura
- 5 pós-graduandos
- 6 graduandos
- 2 técnicos
- mais voluntários da pós-graduação



foto memória do primeiro dia de aula 08.03.2024



RESIDÊNCIA EM
ARQUITETURA E
URBANISMO

Fonte: Acervo da Apresentação

Figura 3 - Metodologia do Encontro Comunitário

METODOLOGIA DO ENCONTRO COMUNITÁRIO

1ª PARTE

- DINÂMICA DE SENSIBILIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO EM GRUPOS

2ª PARTE

- PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

3ª PARTE

- DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

PARA AS CRIANÇAS!



RESIDÊNCIA EM
ARQUITETURA E
URBANISMO

Fonte: Acervo da Apresentação

Figura 4 - Momento de Apresentação



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

1.2 DIVULGAÇÃO DO ENCONTRO COMUNITÁRIO

A divulgação do Encontro Comunitário iniciou-se 2 semanas antes de sua realização, na Comunidade Frei Damião, por meio de diferentes estratégias: postagem no Instagram; arte e texto para Whatsapp; áudio de Whatsapp gravado por uma liderança da comunidade; convite para os representantes do Comitê da Frei Damião; cartazes e banners colocados em locais públicos de serviços na comunidade e locais de alta circulação (escolas, igrejas e postos de saúde, mercado, padaria, instituições); panfletagem como forma de divulgação direta para os moradores; panfletagem para as crianças nas escolas e em suas agendas escolares; chamada de participantes por meio de live da associação de moradores; interlocução com as responsáveis pela operacionalização nos centros de ensino e interlocução com atores da comunidade.

A comunicação feita foi avaliada como positiva, considerando o público presente. Ademais, as chamadas do Encontro Comunitário foram efetivas em conduzir os participantes para construírem o objetivo do levantamento necessário.

2. ENCONTRO COMUNITÁRIO

2.1. METODOLOGIA

Este evento foi concebido com o objetivo de abordar questões fundamentais relacionadas ao desenvolvimento urbano inclusivo e à melhoria da qualidade de vida na comunidade Frei Damião.

A metodologia do Encontro Comunitário foi dividida em 3 partes: sensibilização; aspectos positivos e negativos; e objetivos. Após a apresentação feita pelo corpo docente da UFSC, a equipe técnica envolvida direcionou os moradores para a dinâmica de sensibilização. Em seguida, eles foram direcionados aos debates em grupos de discussão e dinâmicas interativas, em que os participantes foram incentivados a compartilhar suas experiências, identificar desafios e pontos positivos verificados em comum, elencando pontos positivos e negativos dos locais, serviços, equipamentos, dentre outros e finalizando com a definição de objetivos.

2.2. SENSIBILIZAÇÃO - MAPA

A sensibilização foi feita no início da metodologia, por meio de um mapa da área da Frei Damião exposto na parede, com pontos de referências, indicados por meio de fotografias, marcados para a orientação da comunidade. A dinâmica foi realizada com a colagem de adesivos em locais os quais as pessoas “gostam” e “não gostam”.

Nesta etapa a comunidade foi convidada a marcar no mapa exposto os pontos positivos e negativos da área de intervenção, com a utilização de adesivos com “rostos felizes” e com “rostos tristes”.

Formou-se uma fila de pessoas em frente ao mapa a fim de cumprir a atividade. A comunidade marcou estes pontos elencando as áreas que considera positivas no bairro, e os pontos que considera negativos, consequentemente

apontando o que gostariam de melhorar. Após esta exposição foi analisado o mapa elencando todos os pontos marcados. A comunidade foi convidada a explicar os motivos pelo qual estava contente ou descontente com os locais marcados com os adesivos.

Após a análise foi considerado com maior descontentamento o Posto de Saúde, destacando o atendimento dos funcionários, e o CADI, solicitando melhorar o número de atendimentos e as atividades prestadas. Com menos ênfase outros pontos foram marcados pela comunidade, como as ruas sem calçamento perto da Associação Laura dos Santos, pontos de alagamento apontando a falta de drenagem próximo ao campo futebol, lixeiras em poucos lugares, caminhão de coleta de resíduos passando somente na rua principal, descontentamento quanto à metodologia de coleta, ausência de endereçamento postal (CEP) das ruas e servidões periféricas, ruas sem nomes e falta de vagas na creche.

Já como áreas positivas a comunidade elencou o que é reconhecido como Praça, que é o Parque Olalia Gonçalves de Melo¹, explicando que possui espaço para as crianças brincarem e bancos, no entanto falta itens como banheiros, espaço para bicicletas. Outra área bem avaliada pela comunidade foi o espaço da Associação Laura dos Santos, pois atende a comunidade com cursos técnicos de costura e outros cursos de qualificação profissional, inclusive para crianças e para jovens no contraturno escolar. Com menos representação foi elencado como positivo o novo calçamento feito em algumas vias da comunidade e o tratamento com pinturas de grafites no muro em uma área da comunidade.

Esta atividade proporcionou um espaço de troca e integração entre os acadêmicos e os membros da comunidade Frei Damião presentes. A comunidade participou ativamente elencando e debatendo os pontos que levantaram.

¹ O Parque Olalia Gonçalves de Melo será chamado ao longo deste relatório como Praça, considerando que é como os moradores reconhecem o maior espaço de lazer da comunidade.

Figura 5 - Comunidade marcando os locais de pontos positivos e negativos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 6 - Marcações no mapa feitas pela comunidade



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

2.3. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

2.3.1. DIVISÃO EM GRUPOS

A comunidade foi dividida em grupos com a finalidade de discutir e elencar informações referentes à área de intervenção. Foram formados 05 grupos, que contaram com uma média de 10 pessoas da comunidade em cada, auxiliados por um facilitador e um mediador da equipe técnica da UFSC. Nos grupos foram distribuídos papéis verdes, papéis vermelhos e papéis pardos, e contou com o apoio de mapas da Frei Damião para melhor orientação dos participantes.

Figura 7 - Dinâmica da divisão em grupos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 8 - Mapa referência



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

2.3.2. ASPECTOS POSITIVOS

A comunidade foi convidada a descrever os pontos positivos e os pontos negativos de todo o território da Frei Damião, relacionados à área de atuação da Residência. Ao fim do ciclo de pontos positivos e do ciclo de pontos negativos, foram escolhidos 3 principais pontos entre os elencados, em concordância por todos os participantes dos grupos.

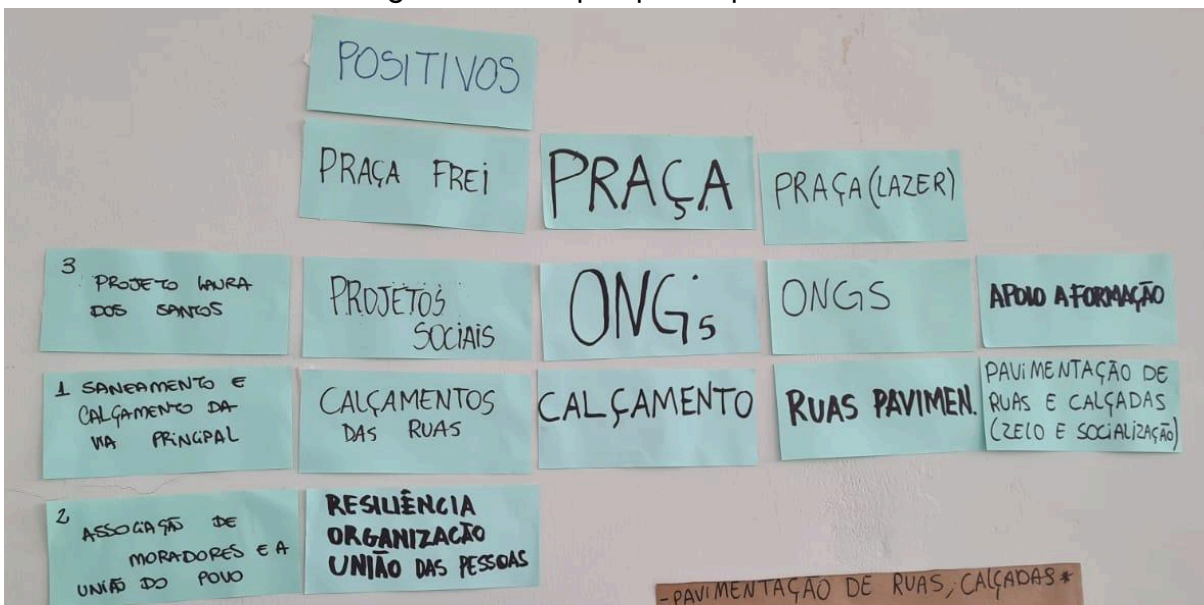
Após a discussão feita nos grupos, o material foi exposto na parede e foram elencados primeiramente os potenciais positivos na área de intervenção e posteriormente os potenciais negativos.

Figura 9 - Dinâmica em grupos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 10- Principais pontos positivos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 11- Principais pontos negativos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Na dinâmica em grupo dos pontos positivos, foram expostos principalmente a satisfação com: projetos Sociais (Associação Laura dos Santos; Dorcas; AEBAS; ONGs); praça utilizada para as crianças brincarem e para lazer; pavimentação de ruas e calçadas em algumas vias; união e organizações das pessoas nas Ocupações como senso comunitário; educação: EJA; Escola Frei Damião; Creche e Colégio Benó, com o comércio e serviços próximos, com a segurança na comunidade, com os espaços de convivência (uso das calçadas para socialização).

2.3.3. GERAL ASPECTOS POSITIVOS

Abaixo o quadro geral com os aspectos positivos gerais elencados por grupo e a síntese da dimensão/tema de cada um.

Quadro 1- Pontos positivos descritos nas fichas gerais

PONTOS POSITIVOS DESCRITOS NAS FICHAS GERAIS					
GRUPO 01	GRUPO 02	GRUPO 03	GRUPO 04	GRUPO 05	DIMENSÃO/TEMA
TÓPICOS COMUNS					
Projeto Laura dos Santos	Projetos Sociais	Projetos Sociais (Associação Laura dos Santos; Dorcas; AEBAS) e atuação das ONGs	ONGs	Projetos (Associação Laura dos Santos; Dorcas; AEBAS)	Entidades de Apoio
Praça	Praça (lugar de lazer)	Praça Frei	Praça (lazer)	Praça como espaço para brincar	Praça
Calçamento	Ruas pavimentadas	Calçamento de algumas ruas	Pavimentação de ruas e calçadas	Calçamento	Calçamento/pavimentação
Senso comunitário (união dos moradores)	União e organizações das pessoas nas Ocupações	União da comunidade	Proximidade da comunidade	-	Senso Comunitário
Associação de moradores (os atendimentos)	Resiliência das pessoas	Comitê permanente			
Reforma da escola do Frei	EJA - recomeço para jovens e adultos	Escola Frei Damião; Creche e EJA	-	Colégio Beno Reforço escolar	Educação / Equipamentos Escolares
-		Farmácia	Comércio	Serviços próximos	Comércio e Serviços
-	Espaços seguros	-		Segurança	Segurança

-	-	-	Uso das calçadas para socialização	Espaços de convivência	Espaços de convivência
TÓPICOS ISOLADOS DE CADA FRENTE					
Espaço verde da Elza Soares	Igrejas (espiritualidade)	Bebedouro	Arte urbana (muro)	Cuidado com as crianças	-
Renda dos catadores	Apoio à formação profissional (costura)	Projeto Castração Animal	Zelo com a fachada após pavimentação	Centro de Capoeira	-
Saneamento na via principal - Rua Pascoal Mazzilli	-	-	Terreno plano	Espaço silencioso	-
-	-	-	Localização próxima aos Rios	-	-

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Abaixo o quadro síntese com a quantidade de grupos que falaram sobre os aspectos.

Quadro 2 - Síntese dos pontos positivos

PONTOS POSITIVOS ELENCADOS NOS GRUPOS	QNT. GRUPOS EM QUE OS PONTOS FORAM CITADOS
Projetos Sociais (Associação Laura dos Santos; Dorcas; AEBAS; ONGs)	5 grupos
Praça utilizada para as crianças brincarem e para lazer	5 grupos
Pavimentação de ruas e calçadas em algumas vias	5 grupos
União e organizações das pessoas nas Ocupações como senso comunitário	4 grupos
Educação: EJA; Escola Frei Damião; Creche e Colégio Beno	4 grupos
Comércio e serviços próximos	3 grupos

Segurança na comunidade	2 grupos
Espaços de convivência (uso das calçadas para socialização)	2 grupos

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

2.3.4. PRIORITÁRIOS ASPECTOS POSITIVOS

Abaixo o quadro síntese com a quantidade de aspectos positivos principais elencados e quantidade de grupos que corroboram com o aspecto.

Quadro 3- Aspectos positivos prioritários

POSITIVOS					QNT. GRUPOS EM QUE OS PONTOS FORAM CITADOS
Projeto Laura dos Santos	Projetos Sociais	ONGS	ONGS	Apoio à formação	5 grupos
Saneamento e calçamento da via principal	Calçamentos das Ruas	Calçamento	Ruas pavimentadas	Pavimentação de ruas e calçadas (zelo e socialização)	5 grupos
Praça	Praça (lazer)	Praça (Frei)			3 grupos
Associação de moradores e união do povo	Resiliência, organização e união das pessoas				2 grupos

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

2.3.5. GERAL ASPECTOS NEGATIVOS

Na dinâmica em grupo dos pontos negativos, foram expostos principalmente problemas relacionados ao atendimento à saúde, à falta de coleta de lixo, à falta de estrutura nas escolas e creches, à falta de saneamento, à falta de transporte público, à ausência de espaços de lazer, à ausência de endereçamento das vias, à ausência de pavimentação, à falta de planejamento da inserção da pavimentação, à dificuldade de mobilidade, aos problemas de ligação de energia pública vinculados à

irregularidade fundiária e à ausência de CREAS, CRAS e CAPS na comunidade.

Abaixo o quadro geral com os aspectos negativos gerais elencados por grupo e a síntese da dimensão/tema de cada um.

Quadro 4 - Pontos negativos descritos nas fichas gerais

PONTOS NEGATIVOS DESCRITOS NAS FICHAS GERAIS					
GRUPO 01	GRUPO 02	GRUPO 03	GRUPO 04	GRUPO 05	DIMENSÃO/TEMA
TÓPICOS COMUNS					
Atendimento de saúde (agendamento)	Saúde (remédio, médico, dentista)	UBS: precisa ser ampliada, falta vagas, especialidades, cordialidade	Poucos profissionais no posto de saúde Má administração do posto de saúde	Falta de profissionais e horário atendimento saúde	Atendimento de Saúde e Equipamento de Saúde
Coleta de lixo (ausência de container nas vielas)	Falta de coleta de lixo geral	Faltam lixeiras e coleta de lixo	Falta de lixeira	Coleta de lixo deficitária (poucas vias de coleta, rota insuficiente acúmulo nos pontos) Sem coleta seletiva	Saneamento / Coleta de Lixo
Estrutura da creche / falta vagas na creche	Educação (creche, escola municipal)	Falta Escola e creche integral	Falta de vaga na creche	Falta de vagas escolas e creches (estrutura não comporta)	Atendimento Escolar e Equipamento Escolar
Estrutura da escola			Falta de vaga na escola	Sem contraturno (integral) creches (estrutura não comporta) Apoio escola (contraturno) não suficiente	

				(estrutura não comporta)	
Ausência de saneamento das vielas	-	Saneamento - falta rede de esgoto Problemas de drenagem	-	Falta de saneamento e abastecimento	Saneamento / Esgoto e Drenagem
Falta de água (ligações clandestinas)	Saneamento (água, esgoto, drenagem)	Falta de água	Falta de água	Falta de regularização da energia e água	Saneamento básico / Água
Falta de ônibus / transporte público	Transporte coletivo inexistente	Falta ônibus e ponto de ônibus Falta linha de ônibus	Falta de transporte público	Falta de transporte público	Transporte Público
Ausência de CEP (só tem nas 3 vias gerais)	Falta de endereçamento	Falta CEP - sem atendimento correios	-	-	Endereçamento (CEP)
Poderia melhorar o espaço verde da Elza Soares	Ausência de espaços de lazer	Falta banheiro na praça	Falta de área de convivência para idosos	-	Infraestrutura Áreas de Lazer
Falta de assistência para idosos (atividades)		A falta de academia comunitária			
Iluminação pública e nas moradias (queda de energia)	Irregularidade e falta de energia	-	-	Falta de regularização da energia e água	Infraestrutura / Energia Pública e Particular
-	-	Ruas internas sem calçamento	Rua sem calçamento (lama)	Pavimentação sem planejamento futuro (infraestrutura)	Pavimentação das Vias
		Ponte de acesso	Dificuldade de mobilidade		

		precária			
-	Ausência de CRAS e CREAS	Falta CRAS e CAPS	-	-	Equipamento de Assistência Social
TÓPICOS ISOLADOS DE CADA FRENTE					
Impossibilidade de usar o CADI quando já é atendido por outro projeto social	-	Infestação de ratos	-	Barulho (bailes)	-
Ausência de espaço para Associação de Moradores	-	Muita fumaça	-	-	-
Visão de que é um lugar perigoso	-	-	-	-	-
Falta de atendimento a crianças com necessidades especiais	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Abaixo o quadro síntese com a quantidade de grupos que falaram sobre os aspectos.

Quadro 5 - Síntese dos pontos negativos

PONTOS NEGATIVOS ELENCADOS NOS GRUPOS	QNT. GRUPOS EM QUE OS PONTOS FORAM CITADOS
Insuficiência no atendimento a Saúde	5 grupos
Falta de coleta de lixo, ausência de lixeiras e/ou containers para depósito do lixo, acúmulo de lixo nos pontos de coleta	5 grupos
Falta de estrutura nas escolas e creches, falta de vagas, a estrutura não comporta	5 grupos
Falta de saneamento básico relativo a água	5 grupos
Falta de transporte público, linhas de ônibus próximas e pontos de ônibus	5 grupos

Ausência e espaços de lazer, infraestrutura de banheiro nos espaços de praça, e espaços de convivência para idosos	4 grupos
Falta de saneamento básico relativo ao esgoto e drenagem	3 grupos
Ausência de endereçamento das vias, falta de CEP	3 grupos
Ausência de pavimentação, falta de planejamento da inserção da pavimentação, dificuldade de mobilidade, precariedade da ponte de acesso	3 grupos
Problemas de ligação de energia pública e nas casas - Irregularidade fundiária vinculada	2 grupos
Ausência de CREA, CRAS, CAPS	2 grupos

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

2.3.6. PRIORITÁRIOS ASPECTOS NEGATIVOS

Abaixo o quadro síntese com a quantidade de aspectos negativos principais elencados e quantidade de grupos que corroboram com o aspecto.

Quadro 6 - Aspectos negativos prioritários

NEGATIVOS				QNT. GRUPOS EM QUE OS PONTOS FORAM CITADOS
Falta de vagas, escolas e creches	Falta de espaço (educação)	Falta de vagas na escola	Falta escola integral e creche integral	4 grupos
Falta saneamento	Falta de coleta de lixo (não tem container)	Ausência de saneamento		3 grupos
Insuficiência na saúde (espaço)	Dificuldade de acesso ao atendimento de saúde	UBS com infraestrutura e atendimento insuficientes (sem CAPS)		3 grupos
Falta de CEP/Endereços das ruas	Ruas sem lixeiras, coleta de lixo e CEP			2 grupos
Falta de transporte público	Falta de transporte público			2 grupos
Falta de iluminação pública,				1 grupo

energia nas casas e água				
--------------------------	--	--	--	--

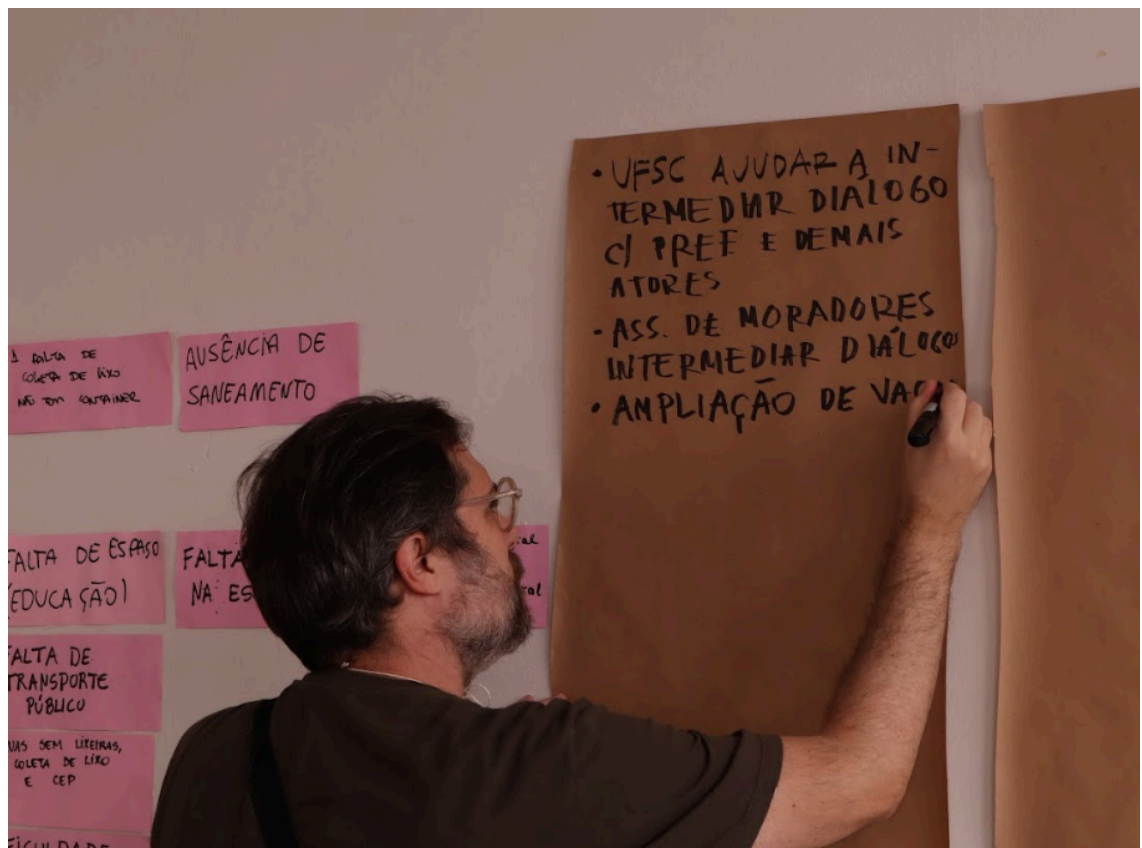
Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

2.4. OBJETIVOS GERAIS DEFINIDOS

A última parte da oficina envolveu o debate pela busca por soluções para os desafios enfrentados pela comunidade, e por meio da análise dos pontos positivos e dos pontos negativos, foram construídos alguns objetivos a serem trabalhados.

A definição de objetivos subsidiará o escopo de trabalho a ser definido pela equipe técnica da UFSC que será revertido em um plano de ações.

Figura 12 - Definição dos objetivos juntamente à comunidade



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Abaixo o quadro descrevendo quais foram os objetivos definidos pelos participantes do Encontro Comunitário, moradores da Frei Damião.

Quadro 7 - Objetivos definidos

OBJETIVOS
UFSC ajudar a intermediar o diálogo com a prefeitura e demais atores
Intermediar diálogo com Associações de moradores
Ampliação de vagas na creche e escola e possibilidade de tempo integral
Ampliação e melhorias na UBS
Estudar trajeto do ônibus e projeto dos abrigos (Jotur e Santa Terezinha)
Regularização do nome das ruas e CEP, legalização das vias e do bairro
Melhorar a coleta, implantar coleta seletiva, contêineres, pontos de coleta
A partir da regularização das ruas, regularizar infraestrutura (água, luz, saneamento), ampliar a rede
Mais praças, espaços públicos, áreas de lazer
Espaço de um centro comunitário para Associação de Moradores
Arborização nas ruas
Área esportiva coberta e academia ao ar livre
Bicicletário e ciclofaixa

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

2.5. CONCLUSÃO: ENCONTRO COMUNITÁRIO

Pode-se concluir que o primeiro Evento Comunitário realizado na Frei Damião teve seu objetivo alcançado ao se considerar que os pontos positivos e negativos evidenciaram a realidade vivida pelos moradores. Ademais, a definição dos objetivos servirá como norteadora para o trabalho a ser desenvolvido pela equipe técnica da UFSC, vinculada ao projeto de extensão do Periferia Viva e do Curso Residência em Arquitetura e Urbanismo.

Considera-se que o processo de divulgação foi eficaz para o atrair a participação da comunidade no Encontro Comunitário, considerando o público presente de diversas partes do território da Frei Damião. Os participantes foram ativos ao longo das atividades e subsidiaram informações importantes ao escopo de atuação do profissional arquiteto e urbanista.

Por fim, o Encontro Comunitário foi considerado positivo devido à aproximação da população residente na Frei Damião com a UFSC.

3. OFICINA PARA CRIANÇAS

3.1. METODOLOGIA

A oficina infantil na Comunidade Frei Damião foi planejada pela Frente Intervenções composta por 12 integrantes da Residência, com o objetivo de engajar as crianças em um processo de reconhecimento e valorização do território onde vivem. Com apoio de mais 9 residentes, por meio de atividades lúdicas e interativas, buscou-se estimular o senso de pertencimento e a compreensão sobre os espaços comunitários, além de capturar as percepções e desejos das crianças em relação ao seu ambiente.

A oficina foi estruturada em quatro momentos principais, cada um com objetivos específicos e metodologias adequadas no objetivo de abranger diferentes faixas etárias das crianças participantes. Os momentos foram:

1. Identificação das crianças;
2. Contação de história;
3. Artes manuais - Com a opção de um jogo de tabuleiro para crianças mais velhas;
4. Mapeamento afetivo.

Entre a atividade de desenho, atividades manuais e o mapeamento afetivo houve uma pausa de 20 minutos para o lanche. A seguir será detalhado cada um dos momentos de atividades planejadas.

3.1.1. IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS

O primeiro momento envolveu uma recepção das crianças participantes, com a identificação numerada em ordem de seus nomes e idades, que foi de 1 a 71, conforme a ordem de chegada. A etiqueta com seu nome, visou facilitar a interação entre os monitores e os participantes. Durante esse momento, as crianças foram

incentivadas a sentar em um grande círculo a brincar com a argila, instigando curiosidade sobre o material. Assim que terminou a nomeação das crianças, foi iniciada a contação de história.

3.1.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

No segundo momento, uma residente com experiência em contação de histórias e oficinas com crianças, atuou caracterizada como uma personagem, a historiadora chamada “*Damiana*”. Ela conduziu a contação histórica sobre a comunidade Frei Damião.

A contação abordou o histórico da comunidade de forma lúdica e educativa, para ensinar as crianças a se localizarem com base na orientação solar e extrair informações básicas sobre suas vivências e percepções do território. Essa narrativa foi apresentada também com elementos geográficos da região, como o Morro da Pedra Branca e o Rio Imaruí. Todo roteiro da contação e interações que guiou a atividade encontra-se no Anexo 3 - Roteiro Oficina das crianças.

Durante o conto, além da “*Damiana*”, dois monitores colaboraram desenhando no papel os principais elementos mencionados na história. Esse formato foi escolhido para captar a atenção das crianças, buscando tornar o aprendizado mais divertido e memorável.

O desenho feito pelos monitores, ambos arquitetos e urbanistas, durante a contação visava dar às crianças outro tipo de estímulo, acompanhando o processo e a história do território de forma visual, além de aproximar as crianças dessa linguagem muito utilizada pelos profissionais da área. Na Figura 13 a seguir é possível ver os três monitores durante a atividade.

Figura 13- Contação de histórias e desenho



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Durante toda a atividade, as crianças foram instigadas a responder perguntas sobre o território, como por exemplo o nome do rio, sobre a origem de suas famílias e quais brincadeiras mais gostam de brincar na rua.

Além de transmitir conhecimento, a contação de histórias buscou entreter as crianças e mantê-las engajadas durante a oficina. Através de perguntas interativas e atividades práticas, como a brincadeira de localização com os braços esticados para identificar os pontos cardeais, as crianças puderam participar ativamente do processo.

Essa abordagem buscava facilitar a coleta de informações sobre onde elas moram, onde gostam de brincar e como se locomovem, de maneira descontraída e acessível, tentando criar um método eficaz para ensinar e ao mesmo tempo explorar os desejos e necessidades das crianças, utilizando uma narrativa lúdica como

ferramenta educativa. Ao final da contação de histórias, as crianças foram incentivadas a participar do desenho, promovendo uma atividade colaborativa.

3.1.3. ARTES MANUAIS - ARGILA, DESENHO E BLOCOS DE MADEIRA

Nessa atividade as crianças foram convidadas a desenhar livremente, complementando o grande mural iniciado no papel pardo. A história foi concluída com uma provocação criativa, de uma pergunta extraída do livro “Da minha janela”, de Otávio Júnior: "E se a sua janela fosse mágica e tivesse o poder de criar coisas novas, o que você gostaria de ver nela?". Assim os monitores orientaram as crianças, oferecendo também a argila e bloquinhos de madeira para enriquecer as criações. Todos os materiais foram pensados para garantir a segurança das crianças.

Figura 14 - Atividade de desenho



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Na Figura 14 é possível ver o desenho de uma criança representando a localidade que ela mora, junto provavelmente do morro da Pedra Branca, vegetação, algumas casas e um dia ensolarado. O objetivo desse segundo momento era a interação lúdica e visualização dos desejos das crianças em relação aos espaços comunitários e da comunidade como um todo.

Muitas crianças se concentram no desenho de sua casa, de sua família, em desenhos simbólicos como o coração, o sol, as árvores, paisagens, pessoas, animais, abstrações, pipas e algumas escreviam palavras que demonstraram afeto pelo lugar. Uma criança desenhou de dentro da janela, ela, sua mãe e um coelho, do lado de fora um arco-íris e um cachorro.

Já com a argila esculpiram animais, potinhos, esferas, entre outros protótipos de modo bastante criativo. Com os blocos de madeira as crianças montaram estruturas como castelos, casas e fazendas, e na mistura dos blocos com argila criaram brinquedos de parquinho infantil, como o escorregador e o balanço.

Em paralelo a essa atividade, a equipe organizadora também preparou uma brincadeira secundária, pensando principalmente em crianças maiores de 9 anos. A atividade era um jogo de tabuleiro com locais da Frei Damião (Figura 15).

O Jogo de tabuleiro da Frei Damião, tem como objetivo promover o reconhecimento do território e transmitir informações importantes sobre a comunidade. Os monitores acompanharam o jogo, garantindo um acompanhamento das crianças que se interessaram pelo tabuleiro e facilitando a compreensão dos objetivos do jogo. Na oficina também foi deixado que as crianças interajam mais livremente com o tabuleiro, para que a equipe também pudesse observar possíveis pontos de melhora do jogo que ainda está em construção.

Figura 15 - Desenvolvimento do jogo de tabuleiro da Frei Damião



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

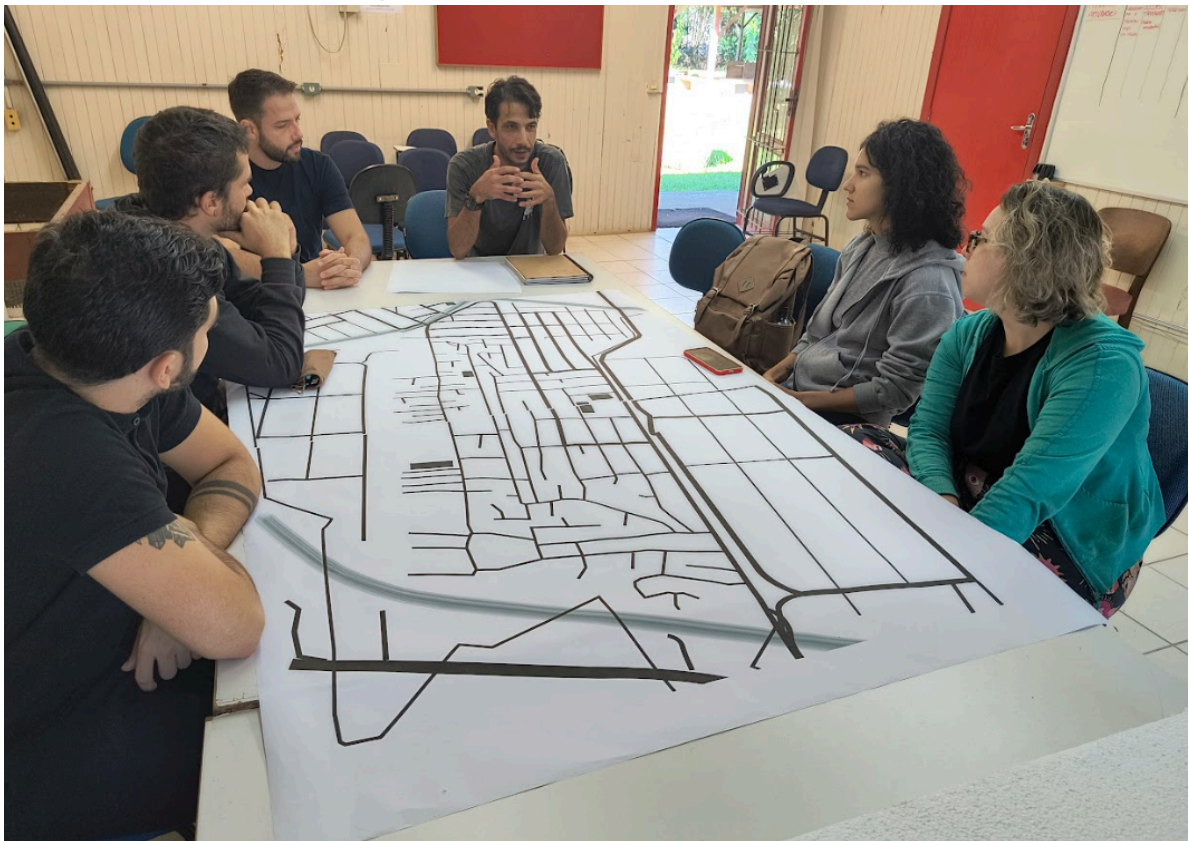
3.1.4. MAPEAMENTO AFETIVO

Todas as atividades anteriores foram desenvolvidas anteriormente ao mapeamento afetivo, o qual teve o objetivo de promover o reconhecimento do território, captar informações sobre os espaços de brincar, as moradias e entender os fluxos do território e como as crianças se locomovem. Consistiu basicamente na apresentação do território através de uma maquete e brincadeiras com adesivos para serem colados pelas crianças.

Para isso, a personagem *Damiana* e um diálogo com professor Lucas apresentou às crianças a maquete da comunidade. A conversa programada entre ambos explicou qual o papel da maquete para os arquitetos e urbanistas e como é feita a leitura do território a partir dela.

O processo da equipe da UFSC no desenvolvimento da maquete durante as duas semanas que antecederam a oficina foi construído de modo participativo onde toda a frente Intervenções pode contribuir com ideias e opiniões. Os materiais e a forma de representação, mais simplificada, com colagens e muita cor, foi desenvolvida em conjunto pensando na melhor receptividade e entendimento das crianças (Figura 16 e Figura 17).

Figura 16 - Desenvolvimento maquete



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 17 - Desenvolvimento maquete



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

A partir da maquete da Frei Damião, a atividade envolveu perguntas interativas para estimular o reconhecimento dos principais pontos da comunidade, como o Rio Imarú e o Morro da Pedra Branca.

Durante essa atividade as crianças foram incentivadas a usar adesivos com o auxílio dos monitores para marcar onde moram, onde gostam de brincar, onde estudam e quais são suas brincadeiras favoritas. As perguntas e o diálogo semi-estruturado que guiou a atividade também encontram-se no Anexo 3 - Roteiro Oficina das crianças.

A seguir, na Figura 18 pode-se observar a cartela de adesivos que cada uma das crianças recebeu, que contém opções de brincadeiras, para serem colocadas livremente nos espaços na maquete. Também foram disponibilizados adesivos de animais e plantas que encontram pelo território, meios de locomoção local onde

moram e se frequentam espaços religiosos para identificá-los no território. Cada cartela continha 20 adesivos, e cada adesivo ficou com aproximadamente 2 por 2 cm.

Figura 18 - Cartela de adesivos



Fonte: Elaboração dos autores, 2014.

O adesivo foi colado na maquete e adicionado um número, conforme a identificação de cada criança feita no início da oficina, conforme elas contribuem na maquete. A Figura 19, mostra o monitor anotando os números na cartela, durante a oficina.

Figura 19 - Monitor com cartela de adesivos



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

O objetivo deste mapeamento é identificar as moradias das crianças na região de Frei Damião, bem como os locais que elas frequentam e as atividades que realizam nesse território. Este mapeamento visa proporcionar uma compreensão detalhada dos espaços utilizados pelas crianças, permitindo uma análise das dinâmicas sociais e das necessidades específicas dessa comunidade.

Figura 20 - Crianças no mapeamento afetivo



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

3.2. AVALIAÇÃO DA OFICINA INFANTIL

Este capítulo reúne a sistematização dos relatórios elaborados pela equipe organizadora e pelos residentes após a realização da oficina. Esses relatórios contêm reflexões e análises detalhadas sobre a condução das atividades, a interação com as crianças e a eficácia das metodologias empregadas.

O objetivo é proporcionar uma visão abrangente e multifacetada da oficina, destacando os aspectos que funcionaram bem e identificando possíveis melhorias para assegurar que os objetivos da oficina sejam plenamente alcançados.

3.2.1. AVALIAÇÃO INTERNA: ORGANIZAÇÃO

Para compreender melhor as percepções de todos os participantes sobre o planejamento e a execução da oficina, desenvolveu-se inicialmente relatórios individuais. A partir desses relatórios, foi possível identificar ideias comuns entre o grupo, bem como destacar melhorias e qualidades da oficina. As questões a seguir foram elaboradas com base na junção dessas percepções.

Conforme os relatos, percebe-se como um consenso que a oficina teve seu cronograma realizado conforme planejado. Entretanto, deve-se atentar ao horário de chegada dos organizadores para a preparação das oficinas com mais calma e cuidado.

As atividades da oficina ocorreram na varanda coberta situada na entrada principal da Associação Laura dos Santos, uma localização estratégica próxima a uma rua importante da comunidade. Isso permitiu que as atividades fossem visíveis da rua, atraindo mais crianças que, ao verem a oficina acontecendo, se juntavam às atividades. O local era amplo e aberto, com algumas cadeiras disponíveis, o que foi suficiente para acomodar as atividades propostas com segurança e comodidade.

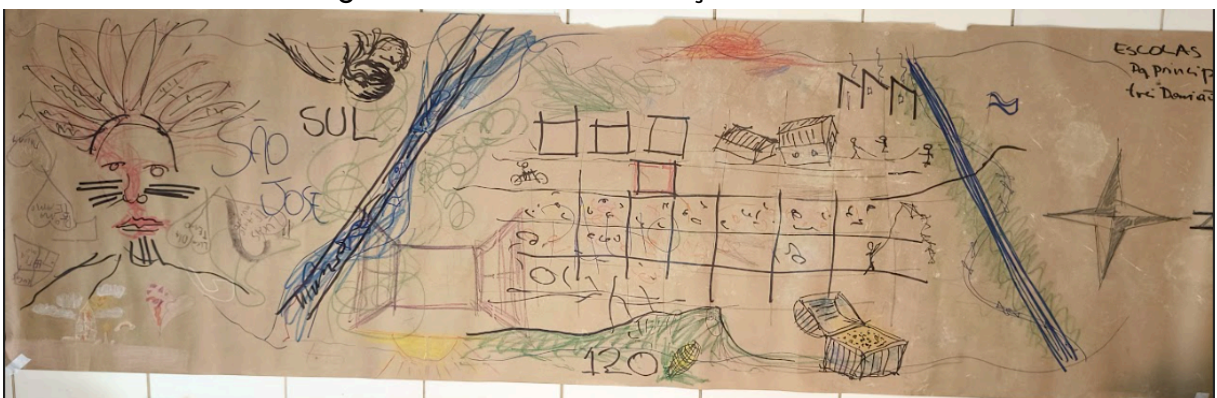
A oficina em geral foi moderadamente organizada e uma experiência desafiadora para os residentes, dentro das incertezas quanto à adesão do número de crianças, faixa etária e nível de engajamento. Os monitores adaptaram-se às necessidades do grupo, mesmo alguns com pouca experiência em atividades com crianças, e, mesmo com a necessidade de improvisos nas conduções das atividades, mantiveram um ambiente de aprendizado e diversão.

Houve organização do espaço para a contação de história e, embora a área aberta tenha permitido a setorização das atividades, essa organização não foi rígida, o que possibilitou uma interação mais fluida entre os participantes.

Logo no início, houve a necessidade de improvisar uma brincadeira com argila para suprir a demanda de entreter as crianças enquanto acontecia o processo de identificação. Esse momento propiciou a interação livre dos monitores com as crianças e o uso do papel pardo foi fundamental para delimitar o espaço dessa atividade. Por outro lado, esse improviso tornou a argila mais seca para a hora de realizar a atividade que havia sido programada para ela.

A contação de histórias pela personagem “*Damiana*” foi avaliada internamente como cativante e envolvente, a qual conseguiu manter a atenção de muitas crianças dada a diversidade de idades e interesses. Houve a dispersão de algumas crianças as quais interrompiam com assuntos diversos ou se destinavam a outras atividades. Além disso, foi entendido como boa a estratégia do desenho acontecer simultaneamente com a contação de histórias. Isso ajudou a prender a atenção das crianças e também aproximá-las dessa linguagem do arquiteto e urbanista. A seguir, a Figura 21 apresenta o desenho final elaborado pelos arquitetos durante a contação, e também, após a atividade de desenho com as crianças.

Figura 21 - Desenho da contação de histórias



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

As atividades manuais com argila, desenho e blocos de madeira deixaram as crianças livres para escolha de algum material para brincar, usar a criatividade e ampliar as possibilidades de expressão, contribuindo para uma abordagem mais diversificada e inclusiva. As crianças se organizaram em pequenos grupos e os monitores puderam estar mais próximos das crianças, auxiliando a explorar os materiais e descobrir o

que desejam ver através da sua janela mágica. A avaliação interna entende que os diferentes materiais permitiram passar um longo tempo junto das crianças.

No caso dos desenhos com giz de cera, a avaliação interna sugeriu que materiais mais coloridos e marcantes, como canetinhas hidrográficas, sejam mais adequados para uma próxima atividade, por se destacarem melhor no papel craft. As crianças, inclusive, pediram para usar os canetões hidrográficos que foram utilizados pelos residentes para desenhar o mapa durante a contação de histórias.

Após essas atividades, houve uma pausa para o lanche, que foi considerado oportuno. No entanto, a opinião majoritária indicou uma falha na organização do lanche, por não oferecer alimentos nutritivos.

No mapeamento afetivo, observou-se o entusiasmo das crianças pelos adesivos. A utilização de adesivos, em vez de alfinetes inicialmente propostos, foi considerada uma escolha acertada, garantindo maior segurança para as crianças e facilitando o transporte da maquete após a oficina. No entanto, a atividade não ocorreu exatamente como planejado devido ao grande número de crianças. Por isso, elas foram divididas em grupos menores e conduzidas aos monitores, que forneciam as orientações e ajudavam na colagem das figurinhas na maquete.

Neste momento a equipe demonstrou flexibilidade e estava preparada para liderar essas atividades adicionais. Espontaneamente, formou-se uma roda de capoeira, que foi especialmente benéfica para as crianças mais velhas e/ou mais agitadas. No entanto, havia apenas um pandeiro disponível, destacando a necessidade de mais instrumentos.

A maioria das crianças participou das atividades; algumas estavam tímidas no início, especialmente as mais velhas, mas foram se integrando ao longo da oficina. Embora a oficina fosse destinada a crianças acima de 5 anos, também houve a presença de crianças menores, que precisam de atenção individual de um monitor.

Além disso, o uso do microfone foi avaliado como essencial para tornar as orientações mais claras e acessíveis para todos os participantes. Pois facilitou a comunicação entre os monitores e o grande grupo de crianças, garantindo que todos pudessem ouvir as instruções durante as atividades e a contação de história.

Ao final da oficina, a saída das crianças não foi completamente organizada, especialmente para aquelas que compareceram sem adultos. Embora alguns monitores tenham auxiliado as crianças na saída e até acompanhado algumas crianças até suas casas, não havia garantias suficientes de que nenhuma criança se perdesse. Porém, a coordenadora da Associação Laura dos Santos comentou que é comum na comunidade que as crianças caminhem livremente, sem responsáveis adultos pelo território.

Pelos relatórios individuais, também ficou nítido uma preocupação com a necessidade de maior cuidado ao tirar fotos durante esses contatos com a comunidade, especialmente com crianças, para garantir a privacidade e a segurança de todos os participantes. Além disso, faltou um plano específico para lidar com possíveis acidentes, destacando uma área crucial a ser aprimorada em futuras edições.

3.2.2. AVALIAÇÃO DOS RESIDENTES

Foi elaborado um formulário com o intuito de coletar impressões de toda a equipe envolvida na execução da oficina, especialmente dos residentes que estavam na função de apoio e monitoria durante a tarde de oficina, os quais não estavam no processo de planejamento da oficina com as crianças. Aqui serão apresentadas as principais convergências dessas impressões.

Os relatos levantados mostram que as atividades desenvolvidas e as trocas com as crianças permitiu conhecer um pouco de sua realidade, onde moram, o que e onde brincam, movimentos culturais, como chamam cada região que transitam. Já as

atividades manuais com argila, blocos de madeira e a capoeira, foram avaliadas como um instrumento de aproximação e de abertura para o diálogo, onde atuaram de maneira mais subjetiva.

Observaram ainda que, em momentos de dispersão, as pessoas ligadas à associação desempenharam um papel crucial, assegurando a organização e o bem-estar das crianças, reforçando a maior experiência para lidar com as crianças.

Com relação à metodologia das atividades, foi sugerido pelos demais residentes trabalhar com mapas coloridos em grupos menores a fim de aprofundar as discussões e conseguir dar uma atenção maior às crianças na atividade do Mapeamento Afetivo. Também foi levantado a necessidade de identificar os diferentes locais dentro da própria comunidade, trabalhar os espaços públicos e conversar, de alguma forma, sobre as perspectivas de futuro na comunidade desde o olhar das crianças.

3.2.3. OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O TERRITÓRIO

Este capítulo aborda as percepções dos residentes sobre as conclusões extraídas da oficina, focando em como as crianças interagem com o território, se expressam e falam sobre a Frei Damião. Através das atividades lúdicas e das interações espontâneas durante as atividades propostas, foi possível captar um panorama único do entendimento infantil sobre seu ambiente. As crianças, com sua visão sincera e direta, revelaram aspectos importantes do cotidiano e dos espaços significativos para elas, proporcionando uma compreensão mais profunda de como vivenciam e se relacionam com a comunidade.

A primeira percepção é que, durante o período de recepção das crianças, muitas delas chegaram à oficina desacompanhadas de um adulto responsável, normalmente em grupos e de diversas faixas etárias. Isso demonstra uma confiança

significativa tanto das crianças quanto dos adultos na Associação Laura dos Santos, local da oficina, e também a dinâmica de vida da comunidade onde as crianças usam mais livremente suas ruas.

Observou-se também, durante a atividade de contação de histórias o não reconhecimento das crianças da denominação do território como Frei Damião, já que ao serem questionadas as crianças trataram o espaço como Bairro Brejarú. Sobre isso, pode-se refletir sobre dois pontos de vista, ou pelo desconhecimento ou pela informação que é ensinada nas escolas, que utiliza-se da divisão política dos bairros e não da consolidação da comunidade como é identificado pelos adultos.

Outros temas relacionados ao território possibilitaram reflexões importantes do conhecimento das crianças sobre o local, como:

- a maioria não sabia os nomes do Rio Imaruí e o Canal do Peixe;
- apenas uma criança relacionou o Rio Imaruí como sendo o divisor dos municípios de São José e Palhoça;
- algumas crianças demonstram conhecimento sobre a rosa dos ventos e conhecem de alguma forma o movimento do sol no céu;
- muitas crianças sabem o nome das escolas da região (Frei Damião e Benonívio).

Foi possível observar que muitas crianças possuíam prática com argila, desenho e blocos de madeira, elas também demonstraram possuir autonomia e bons modos de auto-organização, onde não se pode observar conflitos ou disputas de espaço. Além da empolgação com a atividade de desenho. A seguir, serão apresentadas imagens dos desenhos feitos pelas crianças participantes da oficina. Lembrando que, a pergunta pergunta que encerrou a atividade de contação de histórias, e iniciou a dos desenhos foi: *"E se a sua janela fosse mágica e tivesse o poder de criar coisas novas, o que você gostaria de ver nela?"*, extraída do livro "Da minha janela", de Otávio Júnior (JÚNIOR, 2019).

Figura 22- Desenhos desenvolvidos na oficina



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 23 - Desenhos desenvolvidos na oficina



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 24 - Desenhos desenvolvidos na oficina



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

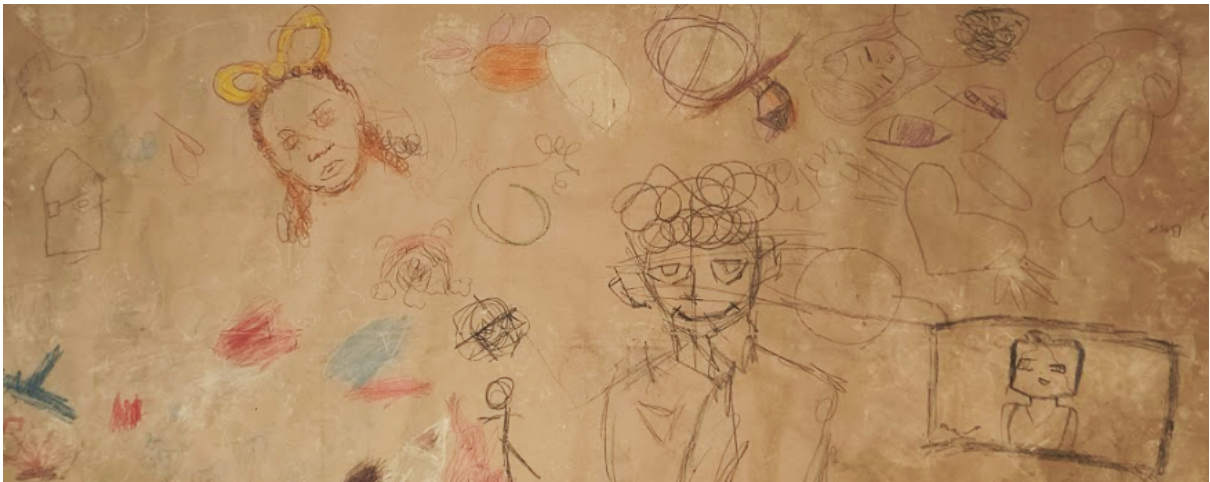
Para além destes desenhos, mais relacionados à pergunta feita, houve ainda crianças que desenharam mangás e rostos. E essa atividade foi vista como um momento de aproximação das crianças e de alguns residentes presentes, onde aconteceu uma troca de saberes de técnicas de desenhos. Alguns desses podem ser observados nas imagens a seguir:

Figura 25 - Desenhos desenvolvidos na oficina



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Figura 26 - Desenhos desenvolvidos na oficina



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

Ao final da oficina, as crianças relataram suas preferências pelas seguintes atividades, sendo que todas as etapas propostas foram mencionadas, tais como: argila, capoeira, contação de histórias, desenho, mapeamento; algumas crianças também relataram que sua parte favorita foi: brincar, aprender várias coisas e comer.

Dentre as diferentes brincadeiras suscitadas pelas crianças estavam: pular corda, futebol, altinha, pipa, pega-pega, bicicleta e amarelinha, grande maioria na rua em frente às suas casas. A roda de capoeira se mostrou relevante para o entendimento cultural, já que possibilitou visualizar o domínio de algumas crianças pelo esporte.

É importante salientar duas problemáticas identificadas durante a oficina. A primeira é uma preocupação expressada por muitos residentes em relação à insegurança alimentar das crianças, evidenciada pelo fato de muitas perguntarem desde o início se haveria lanche e repetidamente mencionarem estar com fome.

A segunda problemática é a dinâmica familiar de responsabilizar irmãos mais velhos, ainda crianças, pelos cuidados dos irmãos mais novos. Onde foi observado também uma forte tutela entre irmãos, onde muitos demonstravam um vínculo

intenso, frequentemente mencionando que o irmão mais velho estava encarregado dos cuidados dos mais novos. Essa situação pode evidenciar a necessidade de um suporte mais estruturado para essas famílias, a fim de proporcionar um ambiente mais saudável e seguro para o desenvolvimento infantil.

Na atividade do Mapeamento Afetivo, também foi possível perceber que somente algumas crianças conseguiram se situar no território e muitas têm dificuldade em localizar a ocupação Elza Soares. Muitas crianças relataram que vão a pé ou de bicicleta para a escola. No entanto, as ruas foram destacadas como pontos de conflito, devido à ausência de calçadas e de travessias adequadas e seguras, além da falta de arborização e de espaços de permanência.

Ademais, diversas crianças relataram a falta de vagas nas escolas e a dificuldade de permanência nelas. Como consequência, há uma presença significativa de crianças e jovens ociosos nas ruas. Sabe-se que a comunidade de alunos enfrenta desafios significativos que afetam sua continuidade na educação, sendo atraída por caminhos alternativos que comprometem seu desenvolvimento e bem-estar. É crucial que esforços sejam intensificados para proporcionar um ambiente mais seguro e estimulante, que valorize o potencial de cada estudante e promova um futuro mais promissor.

Como já mencionado, no encerramento da atividade, observou-se que as crianças retornaram às suas casas desacompanhadas de adultos ou responsáveis maiores de idade, demonstrando uma autonomia considerável no deslocamento pelo território.

3.3. COLETA DE DADOS DO MAPEAMENTO AFETIVO

A seguir, serão apresentados os dados coletados durante a atividade de Mapeamento Afetivo. Lembrando que, o mapa base apresentado às crianças (Figura 27) foi desenvolvido a partir de colagens de revistas, contendo também volumes representando a localização de pontos de referência do bairro, como a Associação Laura Santos, o CADI, as escolas e o posto de saúde.

Figura 27 - Momento de apresentação do mapa base



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

A utilização dos adesivos permitiu uma análise detalhada de diversos aspectos, abrangendo desde a localização das residências até as áreas de recreação e os padrões de deslocamento dentro da comunidade. Ademais, viabilizou-se a identificação dos locais frequentados para práticas religiosas, a presença de animais de estimação e a vegetação, tanto dentro das residências quanto em seu entorno.

Essa abordagem ampla e multifacetada proporciona uma compreensão mais aprofundada e abrangente da vida na Comunidade Frei Damião.

Posteriormente, todos os dados foram transferidos para o aplicativo Google My Maps, a fim de realizar o geoprocessamento no software QGIS. Assim foi possível analisar que dentre as 71 crianças que participaram da Oficina Infantil, 45 participaram da atividade de mapeamento proposta. A imagem a seguir representa uma foto da maquete ao final da oficina, com os adesivos colados.

Figura 28 - Resultados do Mapa após a dinâmica



Fonte: Acervo - Residência em Arquitetura e Urbanismo UFSC, 2024.

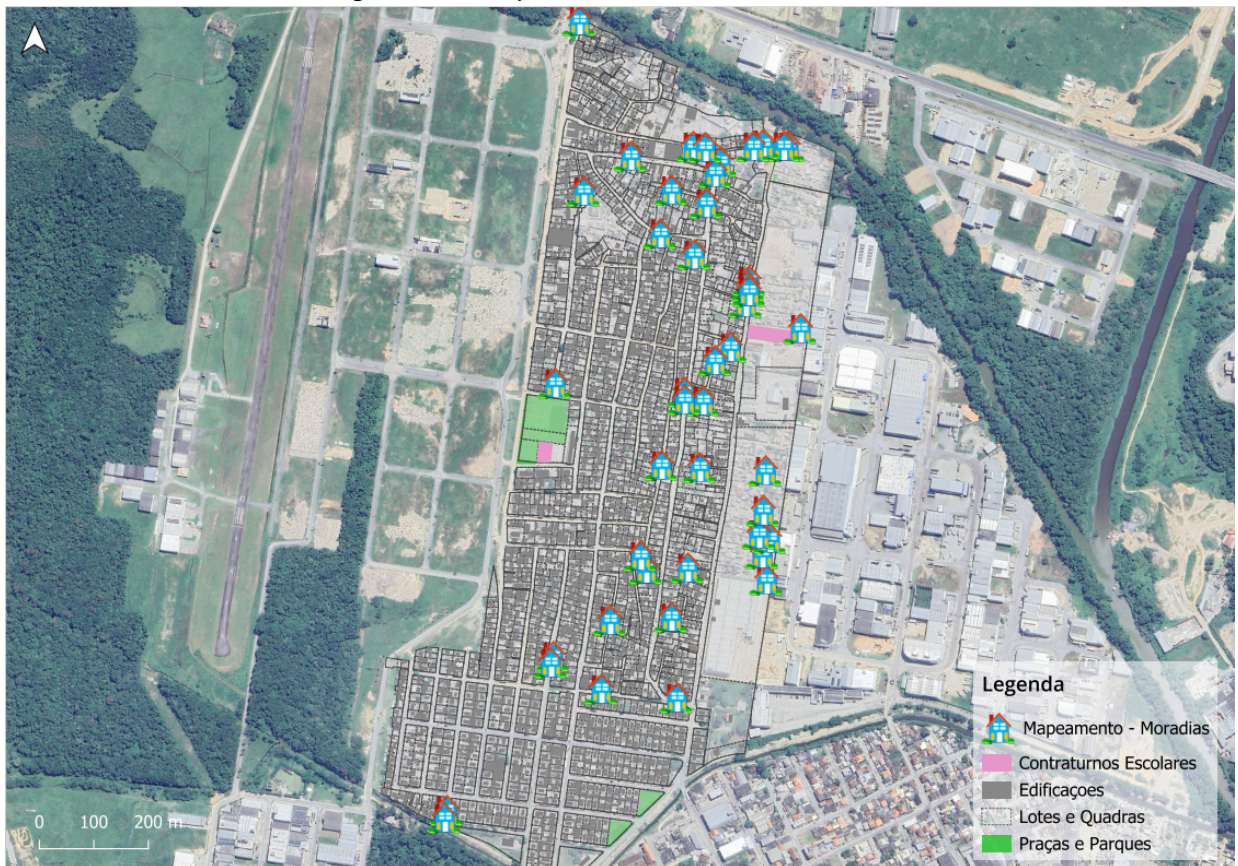
3.3.1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentadas as interpretações e análises do mapeamento afetivo. A primeira análise feita é sobre a moradia das crianças que participaram da oficina. Tendo em vista o local de moradia das crianças (Figura 29) nota-se uma concentração destes adesivos nas proximidades da Associação Laura Santos, o que deve-se provavelmente à presença predominante de crianças atendidas pelas atividades de contraturno da Associação.

A partir disso, infere-se que a gleba central no bairro atua como uma linha divisória entre suas duas porções do bairro, e as crianças residentes na porção da comunidade, localizada mais ao leste, provavelmente realizam atividades de contraturno na instituição CADI.

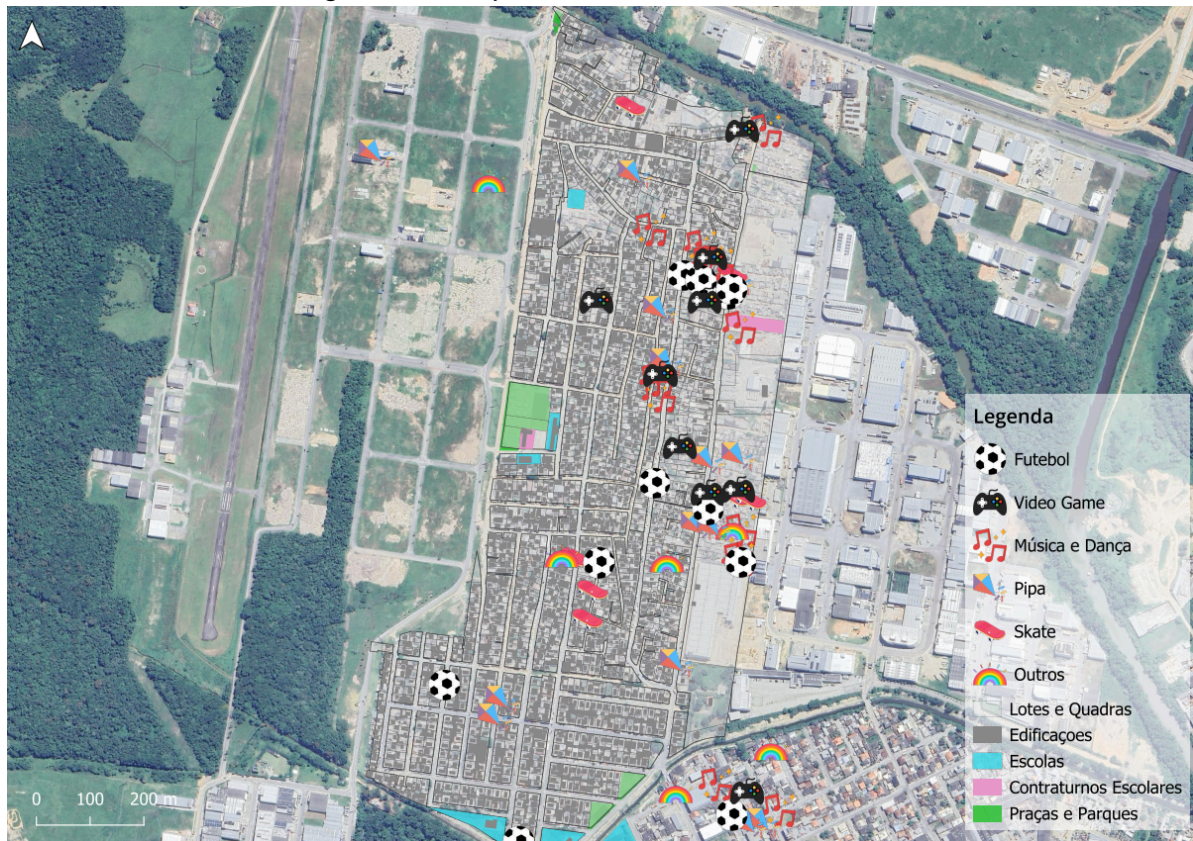
Através da análise da localização dos adesivos relacionados às atividades de lazer das crianças, percebe-se que estas brincam, em sua maioria, próximo às suas casas, demonstrando uma relação intrínseca entre essas atividades lúdicas e o espaço da rua. A Figura 30 demonstra o mapeamento das principais brincadeiras.

Figura 29 - Mapeamento Afetivo: Moradias



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Figura 30 - Mapeamento Afetivo: Brincadeiras



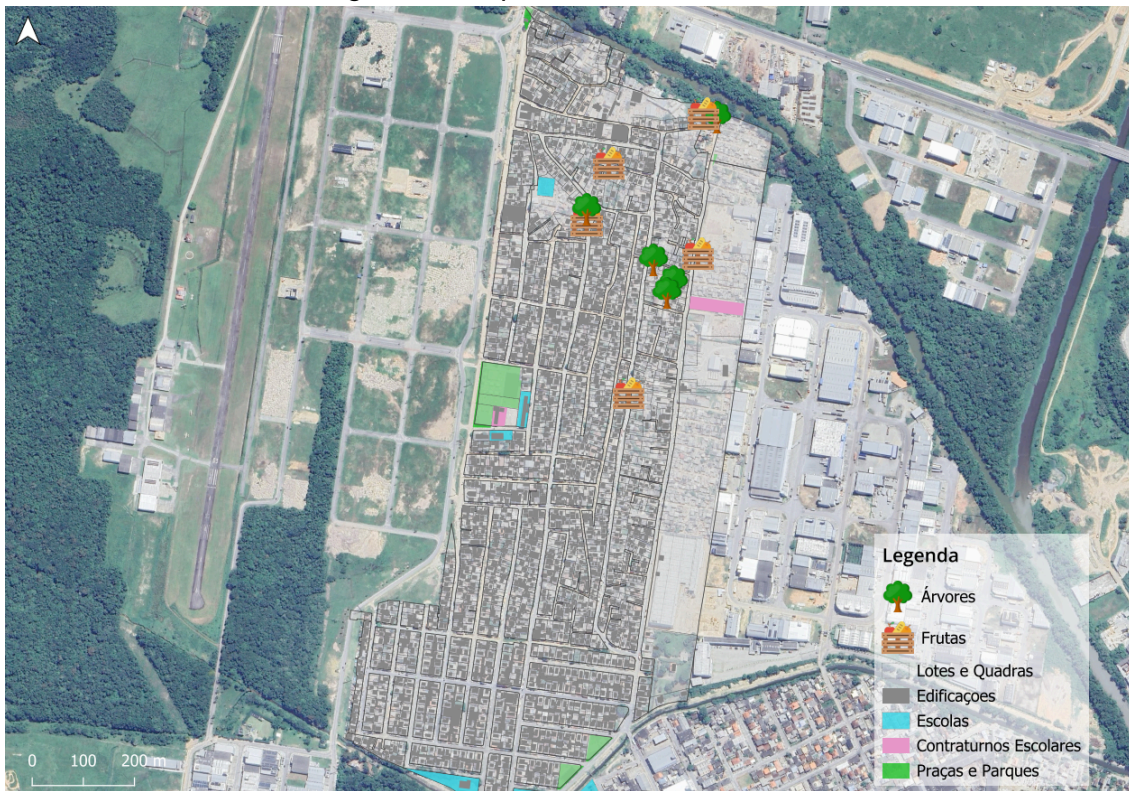
Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

As brincadeiras mapeadas em mais pontos foram: atividades de dança (12), futebol (11), pipa (9), jogos eletrônicos (9), e skate (7). Cabe ressaltar que as atividades relacionadas ao adesivo de dança, foram mencionadas pelas crianças como brincadeiras como batalhas de rap e coreografias de Tik Tok.

Além disso, foram mapeadas também áreas com arborização. Estas áreas se destacam, segundo as crianças, pelo conforto ambiental e pela oferta de frutas como pitanga e goiaba.

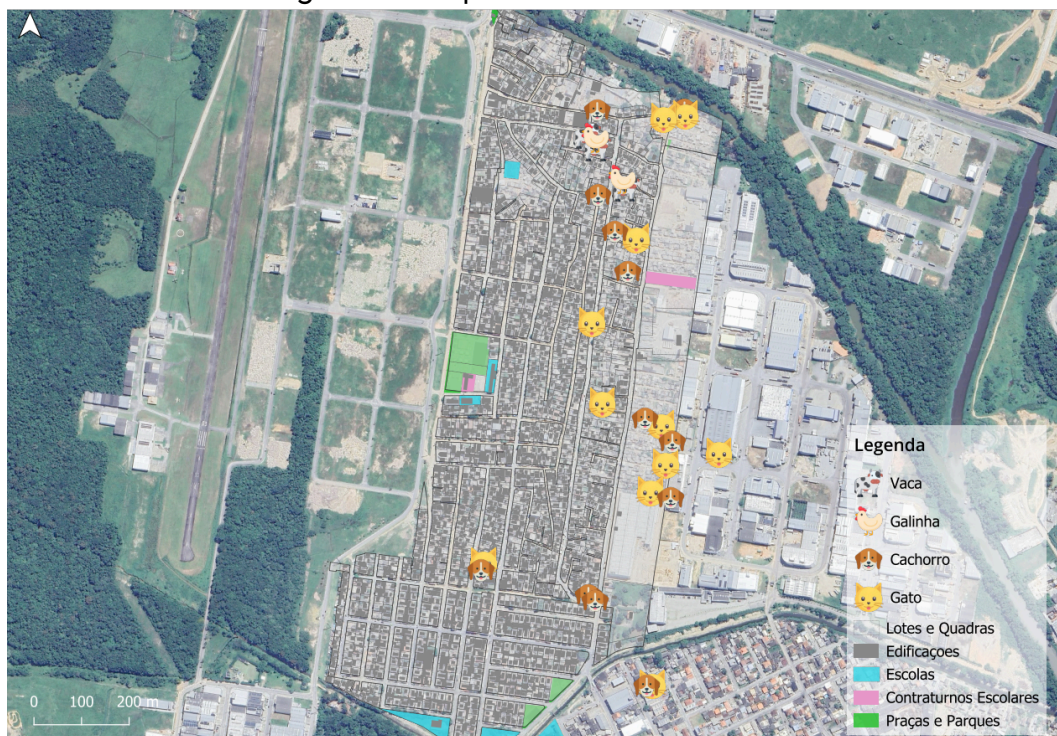
Quanto à fauna da comunidade, as crianças mapearam principalmente cachorros e gatos, e a maioria próximos às suas residências. Houve ainda o mapeamento de dois pontos com criação de galinhas. As Figura 31 e Figura 32 a seguir demonstram esses mapeamentos.

Figura 31- Mapeamento Afetivo: Flora



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

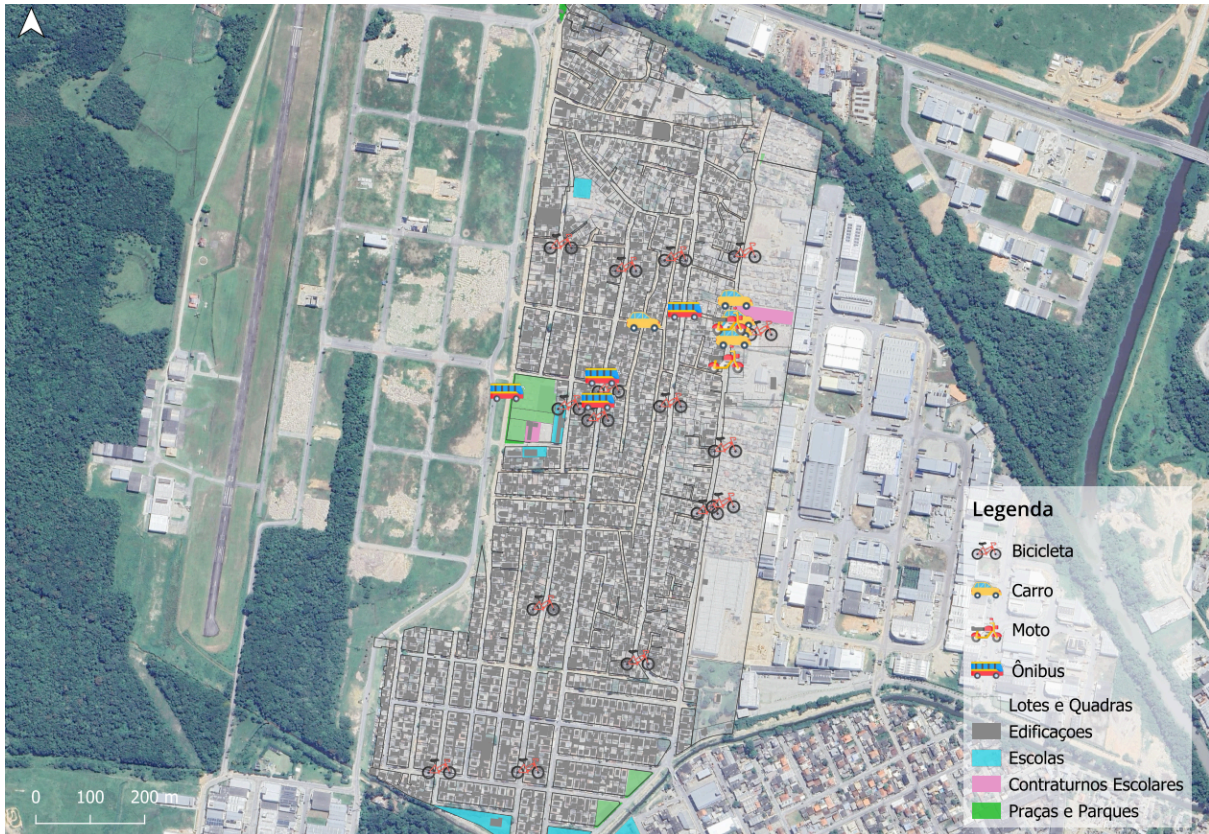
Figura 32 - Mapeamento Afetivo: Fauna



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Quanto à mobilidade, destaca-se a utilização de bicicletas por boa parte das crianças participantes (Figura 33).

Figura 33- Mapeamento Afetivo: mobilidade

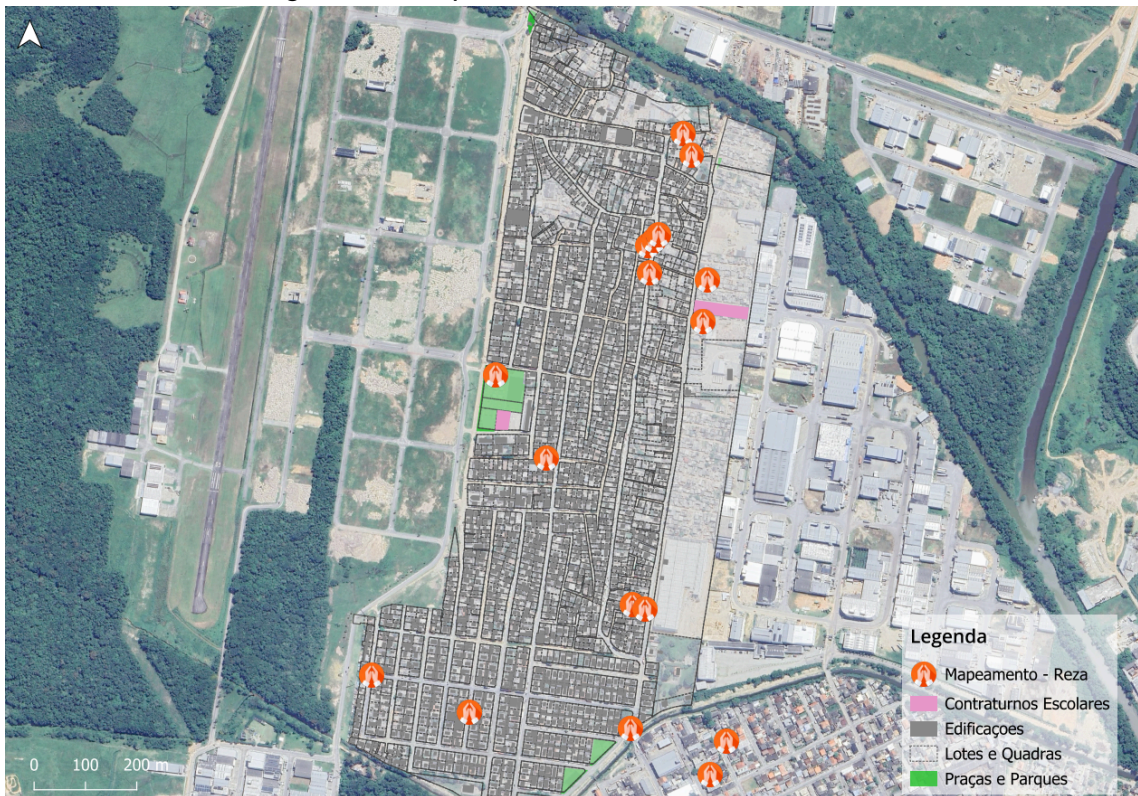


Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Também foi realizado o mapeamento de espaços de reza dentro da comunidade, uma vez que a relação com estes locais revela muito sobre as dinâmicas sociais e culturais nas quais as crianças estão inseridas. Os adesivos foram apresentados às crianças visando identificar pontos nos quais pessoas - de qualquer religião ou doutrina - se reúnem para praticar sua fé, realizar cerimônias e fortalecer laços sociais.

Percebe-se novamente uma concentração destes locais nas porções oeste e sul do bairro. E, tendo em vista a importância destes espaços no fortalecimento dos laços comunitários, destaca-se a importância de um novo mapeamento, localizando também os locais de manifestações culturais.

Figura 34 - Mapeamento Afetivo: Locais de reza



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

3.3.2. Limitações do Estudo

Durante a coleta de dados, foi identificada uma lacuna significativa: a falta de pontos de referência para os locais conhecidos pelas crianças. Isso dificultou, em alguns casos, a identificação precisa de suas residências.

Além disso, constatou-se a ausência de um conhecimento profundo sobre o território por parte dos monitores, que não estavam familiarizados com os pontos de referência mencionados pelas crianças. Essa falta de familiaridade aumentou a possibilidade de identificação incorreta dos locais durante o processo de coleta de dados.

Para garantir a participação de crianças que habitam as outras partes do bairro, será necessária a aplicação desta mesma dinâmica de mapeamento junto a outras instituições, como CADI e escolas.

3.4. CONCLUSÃO: OFICINA DAS CRIANÇAS

A partir da primeira oficina desenvolvida para as crianças percebeu-se a possibilidade de continuar com a proposta, de modo a aprimorar as metodologias utilizadas. Assim, através das avaliações desenvolvidas de todo o processo, somada aos debates internos, pretende-se estender as oficinas para diferentes locais do território. Entende-se como fundamental ampliar a discussão e obter maior participação. Para tal alcance, mostra-se importante continuar a focar nos diferentes meios e formas de divulgação.

Com o objetivo de melhorar as atividades, elaborar um planejamento descritivo das próximas atividades se mostra importante alinhar as expectativas da equipe organizadora e apresentar as intenções para os monitores envolvidos.

Pretende-se desenvolver as atividades com grupos menores, ter melhor dimensionamento da quantidade de crianças que é possível atender por oficina, elaborar questões mais objetivas e reduzir o tempo das atividades para captar melhor a atenção das crianças. Além disso, ficou evidente a necessidade de realizar uma reunião coletiva interna antes do dia da oficina, para explicar a todos os residentes o que acontecerá durante o evento.

Destaca-se como de extrema importância continuar a trabalhar em espaços seguros, que permitam o controle da entrada e saída das crianças, como também entender qual o grau de responsabilidade da equipe organizadora com as crianças que chegam sozinhas na dinâmica.

Além disso, para os cuidados com as crianças coloca-se em pauta a oferta de uma alimentação saudável e nutritiva. Para alguns integrantes do grupo, também se faz necessária a abordagem da temática de higiene bucal com algum profissional da saúde.

Para a contação de histórias, será necessário revisar alguns pontos do texto elaborado, aumentando as vezes que as crianças interagem, respondendo ativamente e compartilhar suas impressões sobre o território.

Para as atividades manuais com argila e blocos de madeira, busca-se desenvolver meios de direcionar para uma discussão sobre construção mais clara e fortalecer atividades espontâneas que surgem durante as vivências, como a capoeira. Além disso, o grupo pretende desenvolver ainda mais o Jogo de Tabuleiro da Frei, que iniciou na primeira oficina com as crianças.

Conformou-se como de extrema importância o desenvolvimento de atividades direcionadas somente aos adolescentes. Vê-se a necessidade de dar voz a esse grupo, entender suas impressões e perspectivas de futuro do território da Frei Damião.

Portanto, entende-se como estratégia de convite, a abordagem de atividades alinhadas à arte, cultura, esporte e educação. Também coloca-se como importante abordar a capacitação profissional, inserção no mercado de trabalho e análise de possibilidades de aproximação com a universidade. Isso seria um meio de estimular a prospecção de diferentes perspectivas de futuro.

Por fim, para a execução e organização no dia da atividade, mostra-se importante pré estabelecer uma setorização das atividades e chegada com maior antecedência para que tudo seja organizado antes da chegada dos participantes. Isso facilitará a recepção e o início da dinâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JÚNIOR, Otávio. *Da minha janela*. Ilustrações multicoloridas de Vanina Starkoff. 1. ed.
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

ANEXO 01 - LISTA DE PRESENÇA OFICINA DOS ADULTOS

Nº de Participantes	Nome
1	Silvia Siqueira Pinheiro
2	Alessandra Navegante
3	Lara Kristian Scheun
4	Edna do Santos Pires
5	Aline de C. Scherer
6	Giovana Santos
7	Júlio Cesar da Costa
8	Ricardo S. Cunha
9	Fernanda Guedes de Souza
10	Lucimara Monteiro
11	Cristiane F. Ralelo
12	Regina Alvino Cadial
13	Maria Margarida Bondan
14	Ramona Ester Alves
15	Maria Luz Duarte
16	Bernadete de Oliveira
17	Ana Maria Santos de Jesus
18	Camila Maria Santos de Jesus
19	Dilema Frigo
20	Selma Modesta Nunes
21	Bianca Pacheco
22	Olivia Jorgina Vieira
23	Maria José B. Silva
24	Clemair S. Xavier
25	Gilmar Ferreira Vicente
26	Roseli Machado
27	Adeison Rodrigues
28	Maria Aparecida da S. Lourenço
29	Maria Terezina A. Bispo (Comitê)
30	Lucimara Rodrigues
31	Ewelen Ketlen
32	Gabriela Corto

33	Maryuri Rivas
34	Genilda Ferreira
35	Ana Keyla
36	Orelia M.
37	Claudio Bombeiro
38	Brenda Luz
39	Agatha Liandra Navegante
40	Vanesa Bordes de Oliveira
41	Priscila Borges
42	Juliano Alves
43	Carlos Rogério
44	Vladimir B. Ribeiro
45	Luciano R. P. Junior
46	Maria Barbara Pacheco
47	Bento A. Ferreira
48	Luciana Ribeiro
49	Enoque Franços Freitas
50	Silmone Boreman
51	Maria Aparecida Orivo
52	Cauana Martins Oliveira
53	Gabriele Martins de Oliveira

ANEXO 02 - LISTA DE PRESENÇA ATIVIDADE COM AS CRIANÇAS

Lista Presença Oficina Crianças - 04/05/2024

Nº	Nome	Idade	Nº	Nome	Idade
1	Júlia	12	37	Vitor	7
2	Mickael	6	38	Edileno	8
3	Luan Gabriel	6	39	Miguel	8
4	Perola Beatriz	10	40	Iago	8
5	Lorenzo	2	41	Safira	4
6	Nicole	7	42	Luca Felipe	3
7	Miguel	4	43	Emilly	5
8	Alisson	7	44	Valentina	6
9	Valentina	6	45	Emma	7
10	Aisha	4	46	Agata	11
11	Samuel	5	47	Isabela	6
12	Laura	6	48	Ana Lúcia	8
13	Maia Vitória	8	49	Isadora	10
14	Alan	10	50	Jhenifer	8
15	André	6	51	Mikaelle	10
16	Luan	8	52	Vitor	5
17	Ambar	1	53	Kiara	7
18	Celso	5	54	Jonas	7
19	Carlos	12	55	Luana	10
20	Micaela	7	56	João Pedro	12
21	José	13	57	Pietro	8
22	Alícia	11	58	Sara	3
23	Micael	13	59	Pietra	4
24	Jaderson	14	60	Jesimiel	7
25	Kemilly	9	61	Kevilyn	4
26	Maria	7	62	Eric	13
27	Yasmin	11	63	Vitoria	10
28	Gabriela	5	64	Brayan	13
29	Laura	5	65	Hemilly	5
30	Rafael	7	66	Tayler	11
31	Laura	8	67	Arthur	8
32	Emilly	12	68	Rosemari	8
33	Bernardo	3	69	Maria	-
34	Samuel	9	70	Jully	14
35	Eliseo	8	71	Lívia	7

36	Tuane	8			
----	-------	---	--	--	--

ANEXO 03 - CONTO HISTÓRICO DA OFICINA COM AS CRIANÇAS

1º Momento - Conto Histórico da Frei Damião

Susan – contadora de histórias

Personagem: Pesquisadora Damiana

Introdução por um monitor da equipe:

Monitor da Equipe: Olá, crianças! Hoje é um dia muito especial, como nós estamos chegando agora na região, a gente quer a ajuda de vocês para desvendar melhor o território.

(A Susan entra em cena, um pouco perdida procurando informação)

Susan: Oi pessoal, estou precisando de ajuda.... alguém aqui conhece a Frei Damião?

Será que alguém pode me ajudar?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Mas quem mora aqui? Nossa, mas que bom! Cheguei então! Eu consegui!!! Ai mas que boom! Deixa eu me apresentar então! Olá, crianças! Eu sou a Damiana, sou uma historiadora, sabiam?? É, eu pesquisei a Frei Damião! Querem que eu conte uma história daqui??

Deixar as crianças responderem.

Susan: Mas eu preciso de ajuda pra contar essa história. Será que dois arquitetos poderiam me ajudar para desenhar o mapa da história enquanto eu conto com as crianças? alguém aí se arrisca a desenhar um mapa enquanto eu conto?

Lucas ou João: Nós nós!! Estamos aqui para aprender com você e somos ótimos com isso de mapas de desenhos! Então, enquanto você conta a história, a gente vai tentando fazer um mapa aqui! O que você acha?

Susan: Claro!! Perfeito! Então enquanto eu pinto as imagens com palavras, vocês dão vida ao nosso mapa! Que tal?

Lucas ou João: Claro! Vamos nessa!

Susan: Então preparem-se para uma viagem cheia de aventuras e descobertas! Há muitos milhões de anos aqui era o encontro do mar com os rios! Vocês sabiam, que tuuuuudo isso aqui era água!! E falando em rio, eu estou procurando ele por aqui... Alguém sabe onde ele se escondeu?

Deixar as crianças responderem.

Susan: É, parece que o rio resolveu dar uma escapadinha! Mas não tem problema, eu vou encontrá-lo! Sabe o que que é, eu vim caminhando do lado de lá! Olha só, que perda!! Depois vou buscar esse rio ali fora, hein! Ele tá mesmo? Quem conhece o rio?

Deixar as crianças responderem.

Susan: E quem sabe o nome desse rio? Esse rio se chama Rio Imaruí! E ele divide duas cidades, quem sabe quais são?

Lucas ou João - Podem fingir que querem responder se ninguém interagir.

Susan: Não, vocês não valem! Quero saber das crianças... Esse rio divide as cidades de Palhoça e São José. E lááááá no sul dele, existe um lugar chamado: Canal dos Peixes, onde os peixinhos nadam felizes! Quem aqui sabe onde fica o sul??

Como boa historiadora eu sei um jeito bem fácil de aprender a me localizar! Se a gente olhar para onde o sol nasce, lá é o Leste (esticar os braços), aí se meu braço direito está apontando para o leste, meu nariz aponta para o norte e meu braço esquerdo para o oeste. E aí, o sul está para onde? Para traz!! Fácil né? Vamos aprender comigo?

Vamos lá, todos estiquem os braços como se fossemos grandes exploradores! Se olharmos para onde o sol nasce, lá é o Leste (esticar os braços para a direita), então se o meu braço direito está apontando para o leste, meu nariz aponta para o norte e meu braço esquerdo para o oeste (esticar os braços para a direita). Agora, para onde o sul está apontando?

Fazer as crianças interagirem abrindo os braços e fazendo também os movimentos.

Susan: Muito beeem!! Agora vamos voltar pra história que quase me perdi buscando o sul! Depois passou mais muitos e muitos anos, e virou lugar

encantado onde a natureza brilhava com suas cores vibrantes e segredos misteriosos. Aqui, as árvores lindas e fortes, com flores coloridas, grandes e pequenas e cheio de pássaros dançam no céu azul. AAAAh e existe uma coisa aqui perto que é muuuuito muito antiga!! Alguém quer tentar adivinhar quantos anos tem algo muito velho? Como um dinossauro, por exemplo!

Deixar crianças responderem - estimular as crianças a darem palpites sobre a idade de coisas antigas.

Susan: Eu estou falando de algo com 120 milhões de anos! Uaaaa! O que será que é?

Espera as reações das crianças

Susan: É algo bem grande!! Bem lindo! Que dá pra ver de loooonge! Eu acho que dá pra ver da sua janela!!

Dar dicas e estimular as crianças a darem palpites

Susan: Eu estou falando do Morro da Pedra Branca é lá onde o sol se põe. Adivinhem só: este morro tem 120 milhões de anos! Imaginem só tudo o que ele já viu e viveu nesse tempo todo! Vocês sabem onde fica esse morro? E quem já subiu no Morro da Pedra Branca?

Deixar as crianças responderem.

Susan: E sabem o que mais? Dizem que esse morro guarda um segredo misterioso... Um tesouro! Vocês já ouviram falar do tesouro escondido na Pedra Branca? Essa é uma lenda incrível desse lugar!!

Contam por aí que, durante um período de guerras e brigas, que nós chamamos de Revolução Farroupilha, um comerciante aqui de Palhoça fugiu com uma fortuuuuuuna de outra pessoa e escondeu no morro!!!

Reza a lenda do tesouro perdido que esse comerciante se refugiou no Morro da Pedra Branca, cheeeeeeeio de moedas de ouro, de prata, de jóias e muito dinheiro. Falam por aí que ele escondeu tudo em uma caverna, bem escondida, e fechou a entrada com pedras gigantes.

Mas, vejam só, ele morreu sem revelar para ninguém o local! Desde então, muita gente já procurou esse tesouro perdido, mas até hoje ele permanece escondido, esperando por algum desbravador, corajoso o

suficiente para encontrá-lo! Imaginem só a emoção de desvendar esse mistério que tem fascinado tantas pessoas ao longo dos anos!

E tem mais: algumas pessoas dizem que, quando batem o pé na pedra Branca, parece que o chão está oco embaixo, o que deixa a gente imaginar ainda mais sobre onde será que está esse tesouro!?!?! Quem sabe, um de vocês pode ser o sortudo que vai encontrar o tesouro escondido na Pedra Branca!

Susan: Mas voltando para a história da origem do Morro da Pedra Branca, vocês sabiam que a natureza é muuuuito mas muito mas muito mais antiga que os homens, sabiam?? A gente surgiu milhões e milhões de anos depois! Nos tempos antigos, as pessoas viviam em harmonia com a natureza, cultivando alimentos e cuidando da terra com muito carinho. Essas pessoas são os indígenas, que vivem até hoje com muita harmonia com a natureza! Passou mais muitos e muitos anos, e um pessoal chegou aqui vindo de lá de longe, em embarcações gigantes, eram os Portugueses! Esses diferentes povos também plantaram, várias coisas que eu acho que a gente come muuuuito até hoje!! Quem aqui come: arroz, milho, mandioca, amendoim e feijão?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Com o passar dos anos, aqui e em todos os lugares começaram a mudar, né? Estradas foram construídas, indústrias surgiram, e novas pessoas vieram morar aqui. E o Morro da Pedra Branca, o beeem grandão que a gente falou? Pois é, nos anos de 1970, ele era como uma porta de chegada para os Tropeiros. Eram pessoas que levavam o gado do Sul até lá em São Paulo, e eles desciam das montanhas para chegar até aqui na praia! Imaginem só, isso foi há 60 anos atrás! É quase a mesma idade dos nossos vovôs e vovós, né?

Foi nesta mesma época que todo caminho em forma de serpente que o Rio Imaruí fazia, foi quase que transformado numa linha reta. Aí 20 anos depois, em 1990, chegaram mais famílias para morar por aqui! E sabe da onde elas vinham??

Deixar as crianças responderem. Estimular para ver se elas falam de onde elas são.

Susan: Sabem, crianças, as pessoas que vieram morar na nossa Frei Damião vieram de lugares muito diferentes! Muitas delas vieram lá do interiorzão do Sul do Brasil, de cidades cheias de histórias e tradições. E olha só, algumas vieram das regiões Serrana e do Oeste Catarinense, onde as montanhas e as paisagens são de tirar o fôlego!

E não para por aí, viu? Nos últimos anos chegaram pessoas do Norte do país e até de outros países! Quem aqui tem a família que veio de fora? Quem sabe até alguém aqui tem um parente ou conhece alguém que veio de lá!

Deixar as crianças responderem.

Susan: Com a chegada desse pessoal na Frei Damião, muitas coisas legais começaram a aparecer! Teve água saindo da torneira e luzinha iluminando as ruas à noite. E não parou por aí, não! Logo, as casinhas ganharam números para ficarem mais organizadinhas, como se fossem endereços de correio mágicos. E sabe o que mais apareceu? Casinhas coloridas, lojinhas, igrejinhas com sininhos que tocavam de hora em hora, e até um posto de saúde e escolinhas para todo mundo aprender coisas novas! Aliás, quem pode me ajudar a descobrir qual o nome das escolas que tem aqui?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Assim, a comunidade da Frei Damião foi crescendo e ficando cada vez mais animada, cheia de gente que adora brincar, aprender e viver juntinhos. Eu ouvi falar que na Frei Damião, as ruas são um local de muita diversão, onde brincam de bola, soltam pipa, dançam e correm muito! Isso é verdade criança? Quem aqui brinca na rua?

Deixar as crianças responderem - incentivar as crianças a compartilharem suas brincadeiras favoritas

Susan: Nossa gente, mas eu falei muita coisa já né? Eu nem lembro mais, alguém lembra tudo?? Como será que está essa história no desenho?

Susan vira para ver o desenho sendo feito pelo Lucas e o João. E se encantar.

Susan: Uau! Que desenho legal! Eu também quero desenhar! Quem mais quer desenhar?? Já seeeei, e se vocês tivessem uma janela mágica em casa, o que vocês gostariam de ver dela? Vamos desenhar isso?

Lucas: então agora é um exercício de desenho com essa pergunta: se a janela de vocês fosse mágica, o que vocês criariam no mundo?

Monitores da Equipe: explicam os materiais disponíveis, arrumar o que tem para as crianças: *papel pardo, giz de cera, argila, blocos de madeira;*

2º Momento - Descobrimos a Frei Damião

Introdução:

Trazer a maquete após o intervalo para o lanche

(Damiana e o arquiteto urbanista monitor entram em cena, conversando sobre a Frei Damião)

Susan: Oiiii crianças! Vocês nem vão acreditar no que a gente montou aqui!! Agora vamos embarcar em uma aventura ainda mais emocionante, onde vamos explorar juntos o território da nossa querida Frei Damião!

Lucas: Isso mesmo! E para nos ajudar nessa jornada, trouxemos uma maquete super legal! Quem está animado para descobrir mais sobre a nossa região?

Explorando o Mapa:

Susan: Olha só, pessoal! (Apontando para o mapa) Mas o que é isso?

Arquiteto Urbanista/Monitor: Sabe, crianças, isso é uma maquete, é como um super quebra-cabeça! Ele nos ajuda a entender melhor como os lugares funcionam, como se fosse um grande jogo de casinha ou carrinho.

Pegar um carrinho e uma casinha para demonstrar.

Lucas: Assim como vocês brincam de montar barraquinhas, brincam de carrinhos, de pipa, a gente brinca de montar a cidade de verdade. Com essa grande maquete a gente consegue estudar onde ficam as casas, as ruas e os lugares legais que a gente adora visitar! E quando a gente entende como a cidade é organizada, conseguimos ajudar a deixar tudo mais bonito e divertido para todos. É como se estivéssemos criando um grande playground para brincar! Quem aqui já sabe do que é essa maquete?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Ah entendi! Então é um grande mapa pra entender a cidade! Agora vamos descobrir de onde esse mapa é? Olha só, isso aqui parece um rio! Que rio é que estamos vendo aqui no mapa? E onde estão as ruas principais?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Isso mesmo, é o Rio Imaruí! Lembram que a gente falou dele antes né? E esse verde é o que será? E isso aqui, é o que?

(apontar para diferentes partes do mapa e instigar as crianças a reconhecer falar sobre o que acham que é.

Deixar as crianças responderem.

Susan: Esse morro aqui? Quem sabe o que é? E quem sabia que o sol se põe ali?

Deixar as crianças responderem. Ou falar sobre a região e o aeroclube. Falar da Pedra branca.

Susan: Gente, agora que já sabemos que o sol se põe na Pedra Branca, vamos brincar de encontrar o sol aqui na maquete! Quem consegue me dizer onde está o nascer do sol?

Vamos lembrar da brincadeira que fizemos antes, quando esticamos os braços e apontamos para o leste! Quem lembra? O sol nasce no leste, e meu braço direito aponta para lá, meu nariz aponta para o norte e meu braço esquerdo para o oeste. E aí, o sul está para onde?

Então, se imaginarmos que lá no topo do morro o sol se esconde no fim da tarde, de que lado que o sol nasce na nossa maquete? Quem sabe?

Ah, muito bem! E onde estaria o norte então? Isso mesmo!

Deixar as crianças responderem.

Susan: Nossa muito legal Lucas! E quem é essa mulher aqui? (apontar para o rosto da Elza Soares).

Lucas: Ela? Ela é a Elza Soares, uma cantora brasileira, que nasceu no Rio de Janeiro. Muuuito conhecida pelos seus sambas incríveis! Ela é sempre muito homenageada. E o nome desse local ali é Elza Soares, você sabe onde fica?

Apontar no mapa onde é a ALS, onde sairia caminhando para chegar na Elza Soares, no rio. Desbravar o mapa fazendo a associação com a maquete e para onde sairia. Deixar as crianças responderem. Nesse momento o monitor e a Susan podem falar bastante do mapa com as crianças e tentar explicar várias vezes os principais pontos de referência.

Susan: E agora, quem consegue dizer onde nós estamos no mapa?

Deixar as crianças responderem. Instigar e ajudar - falar sobre a maquete.

Susan: O que vocês acham da gente deixar a maquete cheio de cor e alegria?!?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Então vamos colocar no mapa nossos lugares favoritos de brincar? Vamos nos separar em grupos menores e a gente vai distribuir adesivos e daí com a ajuda dos monitores, vamos colar várias atividades na maquete! Primeiro, vamos tentar achar a casa de vocês?

Monitores distribuem adesivos com imagens das casinhas para as crianças.

Todos ajudam as crianças a colar os adesivos no mapa e a identificar os locais que moram.

Susan: Olha só que legal!! Quem aqui brinca na rua?? E do que que brincam?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Agora eu quero saber do que vocês gostam de brincar? Cada um de vocês pode escolher uma brincadeira, a maaaais favorita de todas! E vamos marcar na rua onde vocês brincam? Podem voltar pros monitores e escolher uma brincadeira para adicionar na maquete?

Monitores distribuem adesivos com imagens de brincadeiras para as crianças.

Todos ajudam as crianças a colar os adesivos no mapa e a identificar locais.

Susan: Muito bem criançada! Ficou muito mais legal né! (*falar um pouco dos locais que ficaram mais adesivos*) Agora, me contem, como vocês andam por aqui? Quem anda de moto? de ônibus, bicicletas e skates....?!?!

Instigar as crianças a falarem como se locomovem. Deixar as crianças responderem.

Susan: Quem quer tentar mostrar o caminho que faz para brincar? Ou para ir para escola? Quem quer brincar de montar um caminho na maquete??

Disponibilizar as miniaturas de carrinhos, ônibus, bicicletas e skates para as crianças.

Susan: Ei, crianças! Vocês sabiam que cada família tem suas próprias tradições e formas de celebrar a religião? Isso mesmo, é como se cada um de nós tivesse um jeitinho especial de se conectar com o que acredita, seja rezando antes de dormir, fazendo um agradecimento especial em momentos importantes ou até mesmo visitando um lugar sagrado com a família. Alguém aqui tem alguma tradição assim nas famílias, de se conectar com a sua religião? Pode ser que a gente reze na sala, na igreja, ou até mesmo em algum cantinho especial da casa. Quem gostaria de compartilhar conosco como é a sua forma de se conectar com a sua fé?

Deixe as crianças responderem e compartilharem suas experiências religiosas, se desejarem. E quem se manifestar ver se identificamos onde rezam para colar adesivos.

Susan: Agora, vamos falar sobre as plantinhas e flores que deixam a nossa Frei Damião ainda mais bonita! Sabe, cada florzinha e cada folhinha tem sua própria história para contar. Algumas são como os enfeites da nossa cidade, colorindo nossas ruas e casas com suas cores vibrantes. Quem aqui sabe o nome de alguma flor? ou de alguma árvore?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Talvez vocês já tenham visto uma roseira na frente da sua casa, ou um pé de limão no quintal dos vizinhos. E quem sabe até mesmo as flores que enfeitam o jardim da escola! Onde é que vocês costumam vê-las? Quem quer compartilhar conosco uma experiência especial com uma plantinha ou flor da região?

Instigue as crianças a identificarem as plantas e flores da região e a compartilharem suas observações. Fazer a atividade com adesivo de plantas caso alguém queira marcar na maquete.

Susan: Muito legal né! E agora que a gente falou das plantas, sabe o que mais está faltando?! OS BICHINHOS!! Será que tem bichinhos que vivem por aqui? Ah, tem sim!! Pode ser que vocês já tenham visto um passarinho cantando de manhã cedinho, cachorros caminhando nas ruas, ou uma borboletinha colorida passeando pelo quintal. E quem sabe até mesmo um gatinho curioso espiando por cima do muro! Quais animais vocês costumam ver perto de casa? E quem tem algum bichinho de estimação?

Encoraje as crianças a falarem sobre os animais que costumam avistar na área e compartilharem suas experiências.

Lucas: Então crianças, que aventura maravilhosa explorar a nossa Frei Damião ao lado de vocês! Hoje aprendemos tantas coisas incríveis juntos, não é mesmo? Descobrimos os segredos do majestoso Morro da Pedra Branca, viajamos pelo Rio Imaruí e até encontramos a casa da Elza Soares! Foi uma jornada e tanto!

E olhem só para essa maquete agora! Como ela está linda e colorida, cheia das nossas histórias e aventuras. Cada adesivo colado aqui representa um pedacinho especial dessa comunidade, das nossas brincadeiras favoritas, das plantinhas e dos animais que amamos ver por aqui.

Susan: É mesmo Lucas! Eu mesma aprendi muita coisa nova!! Mas agora é hora de nos despedirmos. Quero agradecer vocês por compartilhar seus conhecimentos e experiências comigo. Vocês são verdadeiros exploradores, sabiam? Me ensinaram tanto sobre a Frei Damião, sobre suas casinhas, suas brincadeiras e tudo o que torna esse lugar tão especial.

Então, agora é hora de apreciar nossa maquete ainda mais, admirando cada detalhe colorido que criamos juntos! Vamos aplaudir esse lindo trabalho que fizemos juntos??

E lembrem-se sempre, a Frei Damião é um lugar cheio de histórias para contar, e vocês fazem parte dessa história! Até a próxima aventura, queridos amigos! E obrigada por tudo, aprendi muito com cada um de vocês!